



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

MARILDA JORGE DE OLIVEIRA

**INCLUSÃO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NOS ANOS INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL: Percepções de professores da
E.M.E.F Antônio Gonzaga Barros, Itaituba/PA**

ITAITUBA-PA
2018

MARILDA JORGE DE OLIVEIRA

**INCLUSÃO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NOS ANOS INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL: Percepções de professores da
E.M.E.F Antônio Gonzaga Barros, Itaituba/PA**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Maria Danielle Lobato Paes, Esp.

ITAITUBA-PA
2018

MARILDA JORGE DE OLIVEIRA

**INCLUSÃO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NOS ANOS INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL: Percepções de professores da
E.M.E.F Antônio Gonzaga Barros, Itaituba/PA**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba. Orientadora:
Prof.^a Maria Danielle Lobato Paes, Esp.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____
Prof.^a. Elina Renilde Ribeiro, Mes.

Orientadora: _____ Nota: _____
Prof.^a. Maria Danielle Lobato Paes, Esp.

Avaliador: _____ Nota: _____
Prof. Dhemesbraene Soares da Silva, Esp.

Resultado: _____ Média: _____

Data 02 de Fevereiro de 2018

*À minha família e amigos cuja força e amor é
inspiração de Deus a me guiar todos os dias.
Dedico-lhes essa conquista com gratidão.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que nos criou e foi criativo nesta tarefa. Seu fôlego de vida me foi sustento e me deu coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades.

À minha mãe Martinha Pereira, que é minha base, meu alicerce e me obrigou a cursar o nível superior.

À meus irmãos Maria Jorge, Marilza Jorge, Maralice Jorge e Gelson Jorge que sempre me ajudaram na caminhada para a conclusão da vida acadêmica e toda minha família que suportou meus momentos de crise apoiando e aconselhando nos momentos mais difíceis sem medir esforços para que eu concluísse mais esta etapa de minha vida, principalmente à Marilza e Maralice que foram meu suporte em meus piores momentos.

À meu companheiro Jhonny Ribeiro, que me suportou nos momentos de crise e me apoiou quando pensei que não era mais capaz de seguir minha jornada acadêmica, agradeço pelo amor, carinho e paciência que foi muita.

À minhas filhas Marcela e Milena Jorge, que sempre foram compreensivas em meus muitos momentos de ausência.

Aos amigos e colegas, em especial as minhas amigas e amigos da turma da faculdade, Ana Alencar, Antonia Francilene, Andrea Cristina, Deuselino Junior, Elizangela Lima, Leticia Fernandes, Thiago Marculino, que sempre estavam dispostos a ajudar.

À meus patrões, que sempre entenderam quando precisei me ausentar das minhas atividades para execução de trabalhos acadêmicos.

À meus colegas de trabalho, que chegaram a estudar comigo, para que eu fosse bem nas apresentações na faculdade.

A todos os professores do curso em especial aos de monografia e estágio, que foram tão importantes na minha vida acadêmica.

À professora Maria Danielle Lobato Paes, pela paciência na orientação, pelo incentivo, pela força de vontade, em me orientar tornando assim possível a conclusão desta monografia.

“Um livro é brinquedo feito de letras...Ler é brincar”

Rubens Alves

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo, a busca por propostas metodológicas para o Ensino de Literatura infantojuvenil que auxiliem o trabalho do professor. Durante as leituras sobre essa temática, foram encontrados muitos textos que tratam da falta de preparo do docente para abordar o texto literário e outros problemas. As metodologias adotadas foram: pesquisa bibliográfica e uma coleta de dados através de questionários voltados a professores. Com as respostas obtidas no questionário, verificou-se que eles se consideram leitores, que a escola possui biblioteca, embora não seja usada da forma correta, isso ocorre devido a escola não ter nenhum projeto de leitura que englobe todos, e também devido à falta de participação da família na educação dos alunos. Com tudo nota-se um otimismo dos professores em relação a inclusão da Literatura Infantojuvenil na matriz curricular, já que com a inclusão tanto aluno quanto educadores só tem a ganhar. A inclusão da literatura ainda não é efetiva, mas vem ganhando espaço nas discussões sobre educação. É claro que o professor desempenha mais do que o papel de educador e está sujeito a ele o desenvolvimento cognitivo dos seus alunos, cabendo a ele a articulação de como inserir a Literatura em suas aulas já que a mesma se faz necessário no desenvolvimento da leitura e escrita dos alunos.

Palavras-Chave: Aprendizagem, Literatura, Leitura.

ABSTRACT

The present work of completion of course aims to search for methodological proposals for the teaching of literature literature that assist the work of the teacher. During the readings on this topic, many texts have been found that deal with the teacher's lack of preparation to address the literary text and other problems. The methodologies adopted were: bibliographical research and a collection of data through questionnaires to teachers. With the answers obtained in the questionnaire, it was found that they consider themselves readers, that the school has library, although it is not used in the right way, this is due to the school having no reading project that encompasses all, and also due to the lack of participation of Family in the education of the students. With all it is noted an optimism of the teachers in relation to the inclusion of literature literature in the curriculum matrix, since with the inclusion both pupil and educators only have to win. The inclusion of literature is not yet effective, but it has gained space in discussions about education. It is clear that the teacher plays more than the role of educator and is subject to him the cognitive development of his pupils, fitting to him the articulation of how to insert the literature in his classes as it is necessary in the development of the reading and writing of the students.

Key words: Learning, literature, reading.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01:	Você utiliza a biblioteca?.....	50
GRÁFICO 02:	Existe algum projeto que incentive o aluno a ler?.....	51
GRÁFICO 03:	A literatura Infantil é apresentada de forma prazerosa?.....	52
GRÁFICO 04:	As atividades Literárias acontecem com a participação da família?.....	54
GRÁFICO 05:	As crianças já trazem algum contato com o mundo da literatura?.....	55
GRÁFICO 06:	Você como professor se apropria da literatura infantil na formação de alunos leitores?.....	56
GRÁFICO 07:	A escola tem desenvolvido ações que estimulem a literatura nos anos iniciais?.....	58

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01:	Qual sua visão sobre a importância da literatura infantil na formação de alunos leitores.....	57
QUADRO 02:	Como se dá a prática da leitura em sala de aula e qual a importância de incentivá-la?.....	59
QUADRO 03:	Qual visão tem os professores a respeito da inclusão da literatura Infantojuvenil na matriz curricular?.....	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 A LITERATURA INFANTOJUVENIL NO BRASIL.....	14
1.1 HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NO BRASIL.....	14
1.2 PRINCIPAIS ABORDAGENS SOBRE A LITERATURA INFANTOJUVENIL.	17
1.3 RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E MOTIVAÇÃO À LEITURA.....	19
1.4 LITERATURA E O SENSO CRÍTICO.....	23
2 LITERATURA COMO INSTRUMENTO FACILITADOR.....	29
2.1 O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.....	29
2.2 CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM.....	32
2.3 METODOLOGIAS PARA TRABALHAR A LITERATURA INFANTOJUVENIL EM SALA DE AULA.....	35
3 INCLUSÃO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NOS ANOS INICIAIS...	44
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	44
3.2 PERFIL DOS EDUCADORES ENTREVISTADOS.....	46
3.3 METODOLOGIA ADOTADA NA PESQUISA.....	47
3.4 RESULTADO E ANÁLISE.....	48
3.5 PROPOSTAS PARA CONTRIBUIR COM O TRABALHO EFICIENTE DO ENSINO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	61
CONCLUSÃO.....	63
BIBLIOGRAFIA.....	64
ANEXO.....	68

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso faz uma abordagem sobre o Ensino da Literatura. Com várias pesquisas bibliográficas a respeito dessa temática, detectou-se que muitos educadores abrem espaço para o questionamento e debate sobre textos literários, o que, infelizmente, não é garantia de um trabalho eficiente. As atividades acabam por restringir-se ao lugar-comum da teoria literária: analisar enredo, espaço, tempo, personagens e narrador, de forma mecânica, privilegiando um modelo de origem estruturalista, depois vulgarizado pela escola brasileira. Tais estudos são importantes para uma melhor compreensão da estética literária, o problema é não haver uma mudança de perspectiva.

Pensando nessa problemática busca-se, com este trabalho propostas metodológicas para o Ensino de Literatura que auxiliem o trabalho do professor. Em nossas leituras sobre essa temática, foram encontrados muitos textos que tratam da falta de preparo do docente para abordar o texto literário e outros problemas. O ponto nevrálgico da questão está no baixo domínio da leitura por parte dos professores, que seria resultado da dificuldade do pleno acesso a informações.

Nessa perspectiva, observa-se que há uma vasta bibliografia sobre os problemas concernentes ao Ensino de Literatura, mas pouca sobre metodologias que realmente orientem esse tipo de trabalho. Assim, ao se usar metodologias que façam com que as crianças se sintam atraídas para ensino da Literatura oferece aos mesmos a oportunidade de aprender de forma prazerosa e eficaz propiciando aos alunos a descoberta de ligações entre textos e a vida cotidiana.

Além disso, faz com que os alunos compreendam mais abertamente as obras literárias estudadas, pois as mesmas em sua maioria são as portas para a criação de novos textos, já que muitos desses textos retomam outro em seu conteúdo, fazendo com que haja uma ligação com o mundo em que o texto é inserido.

Para melhor entendimento e organização da pesquisa, foram levantadas questões norteadoras como: A escola tem desenvolvido ações que estimulem a literatura nos anos iniciais? Como se dá a prática da leitura em sala de aula e qual a importância de incentivá-la? Qual visão tem os professores à respeito da inclusão da literatura Infantojuvenil na matriz curricular? Sempre destacando a importância da literatura na formação educacional do sujeito.

Este estudo é bibliográfico e a pesquisa que irá direcioná-lo será de ordem qualitativa/quantitativa. É qualitativa, pois levará em consideração o levantamento de dados sobre a literatura na escola polo de pesquisa, será analisado opiniões e expectativa dos professores obtidos através de questionário. Mas ao mesmo tempo será também quantitativa pois irá quantificar os resultados de forma numérica.

A pesquisa será realizada com uma coleta de dados através de questionários voltados a professores. Essa atividade será desenvolvidas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Gonzaga Barros localizada no município de Itaituba-Pará.

A pesquisa fundamentou-se nas referências bibliográficas de autores que tratam da temática, como: Brasil (1997), Coelho (2010), Gil (1999), Koch (2010), Mattos (1958), Silva (2012), Taille (1992); autores esses que discutem a temática abordada, enfatizando a importância da leitura através da literatura.

O primeiro capítulo aborda sobre a história da Literatura e também a Literatura na Sala de Aula, na qual foram diagnosticados problemas concernentes ao Ensino da Literatura nas Escolas e, o que os PCN's apontam para a possível solução desses problemas. No segundo capítulo, por sua vez, foram percorridas teorias metodológicas para se trabalhar o de Ensino de Literatura. Vários tipos de abordagens de aspectos referentes a como inserir essa disciplina na grade curricular e como ensiná-la para as crianças, foram feitos para se compreender melhor qual a fonte correta para o Ensino de Literatura. No terceiro capítulo será feita a análise das pesquisas e demonstrado os resultados atingidos na pesquisa. Tais direcionamentos práticos servem como referência para futuras aulas de Literatura no ensino fundamental, uma vez que estes instrumentalizam os professores nas suas aulas.

1 A LITERATURA INFANTOJUVENIL NO BRASIL.

1.1 HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NO BRASIL.

A Literatura antes de qualquer coisa é uma arte, e através desta pode-se conhecer a cultura dos povos passados, por isso se faz necessário que as gerações mais novas saibam o verdadeiro papel que a literatura vem desempenhando ao longo da construção da história da humanidade.

Durante os séculos medievais, surge em terras do Ocidente europeu uma copiosa literatura narrativa vinda de fontes distintas: uma popular e outra culta. A de fonte popular é a prosa narrativa “exemplar” derivada de antiquíssimas fontes orientais romanas. A de origem culta é a prosa aventureira das novelas de cavalaria de inspiração ocidental. Nesta são realçadas um idealismo extremo e um mundo de magia maravilhosa completamente estranhas à vida real e concreta do dia a dia (COELHO, 2010, p.25).

Sendo assim percebe-se que a literatura teve seu surgimento de duas formas diferentes, uma que tinha em sua estrutura baseada em fontes mais antigas e outra que contava aventuras semelhantes às vivenciadas pelo povo daquela época. Coelho (2010, p. 25) destaca ainda “foi entre os séculos IX e X, que em terras europeias, começa a circular oralmente uma literatura popular que, através dos séculos, seria conhecida como folclórica mais tarde transformada em literatura infantil”.

A autora segue afirmando que essa literatura foi espalhada pelo mundo através de manuscritos ou narrativas, que eram transmitidas para terras e povos diferentes, por distâncias muitas vezes inacreditáveis que eram vencidas através de montarias, navegações ou até mesmo a pé, e dessa forma tal literatura ia sendo espalhada, modificada e até mesmo alterada.

Foi durante o século X que deu início ao conhecimento de algumas fábulas latinas. Tais fábulas fizeram tanto sucesso que começaram a ser tornarem familiares na literatura, as mesmas traziam histórias de animais semi-humanos e no século XII essas fábulas ganharam um novo rumo passaram a ser feitas no intuito de divertir deixando de ter o teor antigo que era moralizar.

As manifestações culturais, educativas e conseqüentemente a literatura brasileira só teve seu início em meados do século XVI, quase um século após sua

descoberta, esse início se deu com a chegada dos jesuítas Manoel da Nobrega e Jose de Anchieta, que se dedicaram as atividades de educação e literatura, inicialmente na catequização dos nativos do Brasil. Coelho (2010, p. 65) sintetiza dizendo que,

[...], no momento em que Portugal, Camões dava voz a renovação renascentista, criando as formas da alta poesia, que se iria construir em modelo durante toda a Era Clássica; no Brasil, Jose de Anchieta, ainda segundo modelos medievais, escrevia os autos religiosos (destinados à representação para as populações indígenas) e compunha seus singelos poemas em louvor da virgem.

Dessa forma, pode-se perceber que as primeiras composições literárias de Anchieta tinham o intuito de catequizar os índios e também uma forma de reafirmar a fé católica, que naquela época estava ameaçada pela reforma protestante que vinha ganhando força.

Manoel de Nobrega seguia por outro viés, ele elaborou o primeiro Plano de Educação para ser aplicado no Brasil, o mesmo era baseado na criação de irmandades de meninos brancos, índios, e mamelucos, tendo a própria administração e economia. Nesse sentido Matos explica de forma mais clara esse plano.

O plano de Nóbrega baseava-se essencialmente numa série de cursos que principiavam pelo ensino do português, chave de entrada no currículo formativo. Seguia-se o ensino da doutrina cristã, incorporando-se mamelucos e brancos na Igreja, de que a companhia era grande milícia. Só então se iniciava propriamente o que hoje chamaríamos de ensino primário, e que então se denominava “Escola de ler e escrever”. A este ensino agregavam inteligentemente, os jesuítas, o canto orfeônico e a música instrumental, no qual iniciaram, com escândalo do bispo, a incorporação dos instrumentos selvagens. Os alunos que se revelassem aptos para o desenvolvimento superior passariam então a aula de gramática, que hoje chamaríamos de ginásio. Os demais seriam aproveitados no aprendizado agrícola e profissional, com qual iriam influir diretamente na transformação das aldeias indígenas, ou promover o processo dos núcleos urbanos em formação. Não se poderia pensar, no momento, em desenvolvimento posterior. Por isso, fala Nóbrega, por diversas vezes, em enviar elementos bem dotados, para aperfeiçoamento “na Espanha”, no sentido evidente de Península. Este grau foi alcançado, como se comprova posteriormente, inclusive por mamelucos (MATOS, 1958, p. 87).

Dessa forma, pode-se perceber que a formação profissional e humanística se dava em conjunto, de forma que os jovens eram selecionados de acordo com seu desempenho.

Segundo Coelho (2010, p. 102), a Literatura Infantojuvenil no Brasil teve seu início no final do século XIX. A mesma teve seu início vinculado às condições históricas que possibilitaram o surgimento de livros com histórias exclusivamente dedicadas as crianças no século anterior, sendo assim, deve-se levar em consideração o papel central que a criança passou a ter em meio à sociedade naquele momento. Portanto, o surgimento da Literatura Infantil teve um propósito bem evidente que era de formar a criança e inserir nas mesmas os comportamentos desejáveis, tendo, assim, um caráter claramente pedagógico.

No início e durante muitos anos, as obras infantis foram vistas somente com a finalidade de ensinar. No Brasil essa situação não foi diferente. A edição de livros infantis se deu para atender às exigências de um país que buscava, a partir da Proclamação da República, em 1889, se modernizar. A sociedade brasileira dessa época sofria uma forte transformação, em que se colocavam muitas expectativas na educação, à qual a literatura infantil sempre esteve ligada.

Entre as obras escritas no final do século XIX e início do século XX, as que procuravam descrever o Brasil, o apresentavam como um país de natureza exuberante, predestinado a um futuro promissor e brilhante, e eram obras com características marcadamente ufanistas, de exaltação da pátria (CUNHA, 1999, p. 25).

Em relação à linguagem, não havia uma preocupação em adaptá-la ao público infantil e, portanto, essa linguagem hoje causa estranheza pela sua erudição. Por outro lado, deve-se lembrar que, na verdade, as primeiras obras publicadas no Brasil para crianças eram traduções e adaptações de obras estrangeiras, as quais circulavam, muitas vezes, em edições de Portugal, onde a linguagem e forma de escrita se diferem da utilizada no Brasil.

Dessa forma, foi surgindo literaturas no Brasil que com o tempo foi tendo uma nova finalidade a de divertir as crianças e também ensinar através de histórias. A partir de então se teve grandes escritores desta literatura construindo um novo olhar sob a literatura Infantojuvenil brasileira.

Cunha (1999, p. 22) afirma que “a história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança pelo que deveria passa a ser considerado um ser diferente do adulto”. Desse modo, revela que as crianças possuem necessidades e

características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

1.2 PRINCIPAIS ABORDAGENS SOBRE A LITERATURA INFANTOJUVENIL.

Quando se fala que trabalhar textos literários é de suma importância para o processo de formação de sujeitos críticos e reflexivos, no entanto, pode-se perceber que os ensinamentos literários não têm o papel que verdadeiramente merece para que possa desenvolver o senso dos alunos nas salas de aula do ensino fundamental, na verdade a literatura nem se quer é trabalhada nos anos iniciais do fundamental.

Percebe-se facilmente que a literatura Infantojuvenil não tem o espaço merecido e adequado nas salas de aula de escolas públicas de turmas do ensino fundamental. A justificativa usada por cerca de 90% dos professores atribuiu a essa falta de espaço à literatura, é um erro tido na grade curricular escolar, pois a mesma não dá vazão ao aprofundamento da disciplina que não contempla um trabalho mais amplo com literatura. Com isso ocorre a falta de contato dos alunos com as obras literárias que nos levam a um novo mundo cheio de magia e ficção.

De acordo com Orrico (2016, p. 06), fazer com que os alunos tenham maior contato e conseqüentemente apreço aos textos literários mesmo fora da sala de aula, pode se tornar mais comum se tal contato for abordado de maneira eficiente na escola, já que o uso destes tipos de textos deve ser iniciado dentro da escola de forma adequada para que surta o efeito desejado.

Porém, para que isso ocorra é necessária força de vontade do professor, pois é necessário que se modifique positivamente a visão e o valor que a comunidade escolar da maioria das escolas tem em relação às atividades relacionadas à literatura. Alguns estudos demonstram de forma pertinente que a literatura é muito relevante para a formação da identidade, pois a mesma faz com que os humanos se tornem leitores com uma maior eficácia, tendo uma maior sensibilidade e senso crítico aguçado.

À escola cabe, entre outras coisas, tornar seus alunos leitores eficientes e não apenas meros decodificadores da língua, pois “a leitura é um processo de percepção da realidade que envolve, entre outros fatores, a visão do mundo do leitor” (MIGUEZ, 2000, p.17).

Busca-se com este estudo demonstrar a importância da inserção, feita pela escola, dos jovens do ensino fundamental no meio literário, pois, assim também sugere os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1997, p.22), quando os mesmos abordam os Temas Transversais em suas propostas didáticas, sugerindo a abordagem de temas universais como: ética, pluralidade e diversidade culturais, elementos fartos na composição dos bons textos literários que podem ser trabalhados em sala de aula, devendo proporcionar para a criança e o jovem a discussão de assuntos pertinentes ao momento social, político e cultural específico de seus contextos.

A escola é, sem dúvida, um espaço em que a criança e os jovens passam a maior parte de seu tempo, portanto, é natural que nela ocorra, não só o contato com a literatura Infantojuvenil, mas que isso aconteça de forma prestigiada, como defende Zilberman (1985, p.16) ao lembrar que “a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como, um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade”.

Dessa forma, a escola necessita de uma política de incentivo e promoção da leitura que, antes de qualquer coisa, leve em consideração os mediadores, pois estes, atuando juntamente com outras instâncias institucionais, deverão agir como principal ponte de veiculação, para os alunos, dos textos literários. Daí a necessidade primordial de se formar agentes capacitados, nesse caso os próprios professores, justamente ao desempenhar esse papel de mediador entre o texto e os alunos, realizando o que se pode chamar de letramento literário, que tem na leitura seu mais eficaz ponto de partida.

Quando o aluno percebe que existe um ambiente de liberdade e respeito naquele local de trabalho [na sala de aula] que ele pode perceber o texto literário como um produto cultural com o qual interage de forma significativa. A formação de um ambiente de trabalho que possibilite a intervenção dos alunos na aula e no próprio texto literário é responsabilidade do professor (NORONHA, 2008, p.19).

Por isso, cabe à escola propiciar esse ambiente, para que os livros literários sejam vistos de forma diferente, ou seja, como algo enriquecedor e, sobretudo, agradável, o professor deve ser mediador entre esse espaço e o aluno, a fim de mostrar-lhes como um bom livro pode lhe dar um novo olhar sobre a vida. Desse

modo, “a escola pode colaborar na formação do leitor, e sua colaboração será maior ou menor na dependência dos pressupostos que fundamentam o seu currículo” (MOLINA, 1992, p.12).

Infelizmente, muitos professores do ensino fundamental continuam ignorando a necessidade de fazer com que a leitura literária na escola se torne algo agradável, capaz de motivar o desejo do aluno a ter um maior contato com a prática da leitura além do ambiente escolar. Esse fator se dá devido muitos professores não possuírem formação apropriada para ensinar a língua portuguesa possibilitando uma outra visão para o trabalho com leitura.

Dando destaque o exposto, não podemos deixar de ressaltar que o professor deve sensibilizar-se para o ensino de língua portuguesa, para que se tenha um trabalho bem articulado e pensado sobre a literatura Infantojuvenil nas aulas de língua portuguesa.

1.3 RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E MOTIVAÇÃO À LEITURA.

As fases da vida humana que compreendem a infância e a adolescência são as etapas mais importantes e significativas do desenvolvimento humano. Para Piaget (2013, p.52), o desenvolvimento cognitivo classifica-se em quatro etapas e comprova que os seres humanos passam por uma série de mudanças previsíveis e ordenadas, ou seja, em geral, todos os indivíduos vivenciam todos os estágios na mesma sequência, no entanto o início e o término de cada estágio sofrem variações, dadas às diferenças individuais de natureza biológica ou do meio ambiente em que o indivíduo está inserido.

De outra parte, Locke (1999, p.49) difundiu a ideia de tábula rasa para o desenvolvimento infantil, afirmando que a criança nascia como uma folha em branco, na qual os adultos que se ocupassem deles poderiam “escrever o que se quisesse”.

De outra parte Rousseau (1999, p.80) defendeu a ideia de natureza boa, pura e ingênua da criança, e da necessidade de respeitá-la, deixando-a livre para que a natureza pudesse agir em seu curso normal, favorecendo desse modo, o pleno desenvolvimento das crianças. Já as concepções mais românticas da infância preveem que as crianças possuem sabedoria e sensibilidade estética apurada,

sendo necessário que se lhes sejam oferecidas condições favoráveis ao seu pleno desenvolvimento.

Quando se trata de adolescência, boa parte dos estudiosos do desenvolvimento humano afirma que ser adolescente é viver um período de mudanças físicas, cognitivas e sociais que, juntas, ajudam a traçar o perfil desse grupo de pessoas. Segundo Frota (2007, p.155), após a promulgação da Lei brasileira nº 9.394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, os textos produzidos para o público Infantojuvenil trazem a necessidade de as práticas escolares interligarem assuntos pertinentes à realidade em que vivem. A adolescência é considerada um período de transição da fase infantil para a fase adulta é muito complexo e, desse modo, deve-se considerar as suas especificidades para além das inevitáveis mudanças físicas, hormonais, comportamentais e emocionais. Nesta fase ocorre, sobretudo, a preparação para a entrada na vida adulta.

De acordo com a literatura, há uma crescente preocupação durante o desenvolvimento da adolescência, devido às rápidas mudanças ocorridas no mundo e como se observa o comportamento destes jovens diante a sociedade, ou seja, a capacidade do contexto influenciar nas tomadas de decisões do indivíduo. Sendo, que é nesta fase que ocorre às tomadas de decisões para atuar na vida adulta. (SENNA, 2012, p.108).

A maior preocupação de todos os setores da educação, é formar leitores capazes de ler e entender o enunciado ao qual está exposto, pois só assim, esses alunos serão capazes de tomar decisões acertadas sobre assuntos que exijam uma leitura e interpretação, pois é na adolescência que ocorrem as mudanças mais significativas da vida do sujeito, e a escola tem papel fundamental na formação intelectual e pessoal desse aluno.

Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura, que não se restrinjam apenas recursos materiais, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura (MELENDES; SILVA, 2008, p.03).

Para que a escola possa fazer com que os alunos tenham um hábito maior de leitura, é preciso que a mesma tenha um acervo extenso de diversificados textos ao alcance de seu alunado.

Lajolo (1993, p.61) lembra que a função do professor bem-sucedido se confina ao papel de propagandista persuasivo de um produto, nesse caso, a leitura que, sobre a avalanche do marketing e do merchandising, corre o risco de perder ao menos em parte sua especialidade. Dessa forma, a autora ensina que é preciso criar boas estratégias no trabalho com a leitura literária, para não perdermos ainda mais espaço em razão de tantas outras opções que o mundo virtual, por exemplo, oferece aos alunos.

Entre os muitos motivos que o professor tem para trabalhar com literaturas Infantojuvenis nas aulas, o mais motivador é o vasto repertório de imagens e elementos psicológicos e culturais que as obras contêm e que integram o imaginário infantil e ativam lembranças afetivas no jovem. Deste modo, as histórias infantis, os contos e as poesias possibilitam novas descobertas para crianças e adolescentes, que desfrutam do momento da leitura, sem pretensões exclusivamente pedagógicas, mas associando prazer com aprendizado. Segundo Cavalcanti (2002, p.45),

As crianças gostam de ouvir e ler histórias, o que lhes falta é o estabelecimento de uma relação prazerosa com o texto literário, tanto no sentido lúdico, quanto no sentido afetivo, pois parece que o espaço escolar sempre serviu como lugar de razão. Infelizmente, por um longo tempo, a emoção e a afetividade estiveram longe das salas de aula.

De acordo com a citação acima, nota-se que a literatura vem sendo deixada de lado, enquanto poderia servir de elo entre leitura e aprendizado. Isso vem ocorrendo devido às escolas terem passado muito tempo desconsiderando o lúdico e a afetividade como parte do ensino, considerando que as histórias infantis são prazerosas e possibilitam uma nova forma de ensinar, as escolas junto aos professores devem desenvolver novos métodos de inserção das práticas de leitura em sala de aula.

Atualmente existe uma grande oferta de gêneros textuais, e assim sendo a leitura de textos literários está em decadência. Conforme Pereira (2008, p. 45), os gêneros textuais são estruturas dinâmicas moldadas a partir das necessidades discursivas dos interlocutores. Sua criação e mudança estão atreladas às mudanças sociais e culturais. Na contemporaneidade, as crianças já nascem envolvidas com inúmeros aparatos tecnológicos, e o livro de papel, que costumava ser seu primeiro contato com a leitura, muitas vezes não é mais.

Nesse mesmo viés, Zilberman (1985, p.21) destaca a importância de trazer de volta a prática da leitura para a sala de aula, pois isso significa “resgatar a função primordial da leitura, buscando assim, sobretudo, a recuperação do contato do aluno com a obra de ficção”. Ainda que para esse contato seja utilizado os novos gêneros textuais como aliado nesse processo.

O professor é o elo entre livros e seus alunos e, como mediador no processo de formar leitores, precisa, antes de tudo, gostar de ler, ou seja, é preciso que o docente seja um leitor literário assíduo, e não apenas alguém que lê pela força da obrigação profissional. O professor não é um leitor apreciador de obras literárias e isso se deve a diversos fatores, entre eles cabe citar dois: a própria experiência pessoal com a leitura e os processos de sua formação profissional, que, em algum momento, não teve ênfase nas práticas de leitura e análise de obras literárias.

É necessário repensar a formação inicial e continuada, de modo que o processo de formação docente seja construído e reconstruído em favor de uma nova postura pedagógica, que inclua, com consistência, a leitura do texto literário nas diversas modalidades do ensino (PAIVA, 2010, p.51).

É dever do professor ensinar de forma contínua, em sua própria formação, ampliando assim, suas possibilidades literárias e, com isso, fazer uso em prol de seus alunos. Sabe-se que todo professor é um leitor, mas boa parte deles lê apenas aquilo que é de rotina, como por exemplo, o livro didático, manuais e informações pertinentes a sua prática pedagógica rotineira.

Ainda de acordo com Paiva (2010, p.52), “Quem se entrega ao livro literário infantil sai da leitura mais enriquecido interiormente, pois esse tipo de texto não foi feito somente para a fruição das crianças”. Portanto, o professor de língua portuguesa deve, antes de tudo, cultivar o gosto pela leitura de textos literários, para que assim, possa conduzir seus alunos através do mundo mágico, e, sobretudo, humano que se revela através dos textos literários.

As escolas, em sua maioria têm bibliotecas, ainda que as mesmas não sejam ideais, porém possuem um local destinado ao funcionamento da mesma, embora caiba ao professor incentivar esse gosto pelos livros e dessa forma precisa criar estratégias que “seduza” os estudantes para o prazer de ler textos literários e entre essas estratégias é facilitar o acesso à biblioteca da escola que, diga-se de passagem, tem um vasto acervo de livros de literatura Infantojuvenil.

Portanto, quase não existe um trabalho de “sedução dos alunos” pela literatura por parte de alguns professores e ainda menos pela escola como um todo, fazendo-se necessária uma revisão da possibilidade de inserção da literatura Infantojuvenil nos anos iniciais.

1.4 LITERATURA E O SENSO CRÍTICO.

O ensino da Literatura se dá através de períodos ou épocas literárias e cada um desses traz uma linguagem determinada por características comuns, ou seja, as obras literárias são de épocas diferentes e como se sabe a linguagem vem mudando com o tempo. Dessa forma, as obras literárias são escritas em linguagem diversificadas e muitas vezes de difícil entendimento para os alunos.

Para trabalhar com leitura, literatura e interpretação de textos é necessário que o professor reconheça a posição do aluno e o incentive a escrever, inserindo no tempo e espaço, que também se constitui pelo modo de dizer das gerações, ou seja o professor deve incentivar o aluno a ler e escrever deixando de lado as regras gramaticais e se adaptando a escrita da era jovem.

Ensinar literatura não seria apenas fazer com que os alunos compreendam as características de cada obra indicada, e sim enfatizar a produção escrita, pois a leitura para ser entendida precisa ser vivida como um acontecimento passado na vida de cada aluno, fazendo assim com que se compreenda que a leitura faz parte de sua história de ser no mundo (COELHO, 2000, p.32).

Portanto, o que se deve entender é que o aluno não deve ser obrigado a ler e pode sim, abandonar leitura de uma obra e partir para outra desde que consiga explicar o motivo de não se interessar por tal leitura.

Na realidade um tanto conturbada do ensino, em que a literatura restringe-se, muitas vezes, à focalização de dados que dizem respeito à condição do autor (datas, eventos, listagem de obras), em lugar de privilegiar o texto, que se apresenta em múltiplos gêneros, é imprescindível repensar questões básicas da literatura e do ensino da disciplina, uma vez que esse conhecimento tem acompanhado o ser humano, provendo-o com os elementos do imaginário necessários para enfrentar os obstáculos da vida bem como tentando responder aos seus questionamentos fundamentais.

Esse aspecto é reiterado por Bettelheim (1980, p.14), o qual assevera que o contato da criança com uma literatura de qualidade, como os contos de fadas tradicionais, promove o equacionamento de problemas fundamentais vivenciados pelo ser humano nos estágios iniciais do desenvolvimento.

O autor considera a utilidade terapêutica do gênero contos tradicionais para resolução de conflitos internos, especialmente, aqueles relacionado à fase edípica e aos resultantes da integração das instâncias id, ego e superego na formação da personalidade.

Além disso, como uma modalidade privilegiada de comunicação, a literatura possibilita a instauração do diálogo entre textos de diferentes gêneros e leitores de todas as épocas. Nessa perspectiva, a leitura do texto literário pode ser caracterizada como uma atividade que se posiciona de modo a destituir a fragmentação do conhecimento, devido à grande abertura que a literatura proporciona ao leitor para relacionar assuntos e temas, favorecendo a articulação entre os saberes. A propósito, Zilberman (1999) enfatiza que:

A leitura constitui o elemento fundamental na estruturação do ensino [...] [uma vez que] está no começo da aprendizagem e conduz às outras etapas do conhecimento. E, nesse sentido, cabe destacar o fator emocional que a literatura mobiliza, visto a relação afetiva que se estabelece entre texto e leitor (ZILBERMAN, 1999, p.79).

Foi dito que o ensino de língua deveria ser uma consequência, que viria após o ensinar a ler, na escola. Ler aqui, mais uma vez, consistiria em se criar o gosto pela leitura em sala de aula, como um processo a ser adquirido. O ler deveria implicar em se realizar a decodificação das letras, passando-se à interpretação do que está sendo dito, ou compreensão, até a capacidade de se entender e de se criar relações com outros aspectos da vida ou de outras leituras.

O processo de leitura deveria capacitar o aluno a desenvolver suas próprias ideias e opiniões, a ponto de se chegar ao ensino médio com competência para discutir e argumentar com propriedade, dentro dos padrões da norma culta. Enfatizou-se que isso levaria à compreensão da língua oportunizando discussões de alto nível, a respeito dela (COELHO, 2000, p.20).

Nesse sentido, entende-se que o leitor, propriamente dito, é aquele que lê muito, e que por isso não precisaria de tanto tempo para compreender as regras de

gramática. Isso porque a própria leitura o prepararia para a compreensão da língua e o capacitaria para a metalinguagem.

Faz-se importante, neste ponto, entender que a leitura familiariza o leitor com a língua, no entanto, não o ensina a dominar a escrita, por exemplo. A leitura capacita o aluno a criar argumentos ou o instrumentaliza para a produção escrita, mas não o ensina a escrever.

Com a justificativa de que precisamos criar métodos mais didáticos e rápidos para que o indivíduo entenda a literatura, os livros didáticos passaram a dar características de escolas literárias, informações sobre a opinião de alguns estudiosos para, a partir daí, indicar a leitura ao aluno com o intuito de que ele perceba nas obras, o que viu em sala, isto é, realizamos o processo às avessas (ROCCO, 1992, p.13).

A teoria literária foi construída pelos grandes leitores que se tornaram críticos literários e conhecedores dos diferentes estilos ou “escolas literárias”. Não foram aqueles que, na escola, aprenderam uma porção de regras ou condições que caracterizaram as diferentes épocas da literatura. Então, por que esperamos que nossos alunos façam isso? Não se faz tão importante que um aluno saiba os períodos ou características das diferentes escolas literárias.

Faz-se importante que ele as compreenda. Parte desse processo já vem sendo feito, a partir do momento em que os professores de literatura entenderam ser importante contextualizar os momentos literários como parte de processos sociais e históricos. Todavia, passou-se então a tratar os movimentos literários como aulas de História.

Não se chegou ainda, salvo algumas exceções, ao ponto de se trabalhar com a ideia de que a História relata os fatos e que através da leitura podemos entendê-los, pois muitas obras literárias são verdadeiros relatos vivos dos pensamentos, das dúvidas, dos questionamentos de uma época. Percebe-se que por meio da literatura consegue-se entender as crenças e a forma como uma sociedade se sentia em determinado período, assim afirma Rocco (1992, p.43).

Sendo assim, a compreensão da literatura não deveria consistir em se conhecer datas. Quando se fala de data aqui, faz-se referência à relação que se faz com a História e os séculos: o Romantismo é resultado de um momento político do século XIX, no Brasil, por exemplo. É preciso que o aluno compreenda como se sentiam as pessoas naquela época, como elas viam a vida, a sociedade, os

costumes. Depois de visto isto é que se pode falar da sociedade em si, mas isso deveria ser um processo que o aluno deveria ser capaz de compreender sozinho, por meio das obras.

Em ambiente escolar, dissocia-se literatura de língua e arte. A lista de características, autores e obras representativas das escolas literárias se constitui em conteúdo que deverá ser repassado e memorizado, ano após ano, pelos alunos a quem resta apenas absorver passivamente o que lhes é transmitido.

As sistematizações do ensino de literatura, ainda hoje presentes nas escolas, constituem uma prática cristalizada que se mantém e na qual os livros didáticos frequentemente estão ancorados. Ora, se os textos provenientes de épocas anteriores forem estudados sem que se mostre sua importância como diálogo com um determinado momento histórico no qual o pensamento humano o produziu, de muito pouco valerá tal leitura para a construção do sujeito que se descobre membro de uma sociedade (ROCCO, 1992, p.43).

O ser humano nasce apto a desenvolver constantemente a sua estrutura cognitiva e a adquirir conhecimento, o que ocorre através do empenho, da curiosidade e do envolvimento de cada um. Daí a necessidade de que esse processo seja construído de forma significativa, utilizando conhecimentos prévios, habilidades e competências, o que só poderá ser otimizado na medida em que o ensino for desenvolvido de forma adequada. No entanto, o que se constata é que há uma crise na educação.

Nos rastros do pensamento complexo, todas as discussões que vêm sendo feitas em torno da 'crise do ensino' têm como base uma das premissas da psicologia cognitiva: sem estar integrado num contexto, nenhum saber tem valia, por mais sofisticado que seja, isto é, não provoca no sujeito o dinamismo interno que o levaria a interagir com outros saberes e ampliar o conhecimento inicial ou transformá-lo (COELHO, 2000, p.25).

Nesse sentido, destacam-se Piaget e Vygotsky, que pesquisaram sobre desenvolvimento intelectual. A teoria de Piaget (1999, p.19) presume que, entre a infância e a adolescência, o ser humano desenvolve a capacidade de executar operações lógicas que se aperfeiçoam. O estágio das operações formais é particularmente relevante nos estudos que relacionam adolescência e educação, pois evidencia a forma de atividade mais avançada que o indivíduo pode atingir. Para o autor, o adolescente, posto diante de um problema, consegue testar

alternativas de solução de forma organizada e consciente, elaborando deduções críticas, uma vez que detém raciocínio hipotético-dedutivo.

Vygotsky (1984, p.98) afirma que, na adolescência, a memória torna-se extremamente lógica, havendo uma reorientação nas relações interfuncionais que a conectam a outras funções. Esse aspecto é altamente relevante, visto que as estruturas mentais passam a se organizar não mais como tipos de categorias, mas como conceitos abstratos.

O aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando o indivíduo interage com pessoas, com seu ambiente e em cooperação com seus companheiros. O aprendizado ocorre na zona de desenvolvimento proximal, permitindo a compreensão do curso interno e possibilitando tanto o delineamento do estágio presente como a antevisão do futuro (VYGOTSKY, 1984, p.98).

Dessa maneira, o desenvolvimento mental se expande bastante na adolescência, e as formas superiores da inteligência e afetividade ampliam e enriquecem cada vez mais a experiência, aperfeiçoando a reflexão, a capacidade de relacionamento e a possibilidade de educação permanente.

Pode-se afirmar que a sabedoria do homem maduro está no exercício inesgotável do aprender. Por esse motivo, é necessário estimular e desenvolver a reflexão crítica, para que se possam atingir os níveis desejáveis do pensamento formal. A reflexão sobre essas questões propõe uma interrelação entre o ato de educar e a escola, contribuindo para a melhoria do ensino e para a formação de seres humanos preparados para a autogestão, capazes de vencer desafios, ancorados nos fundamentos éticos e morais do respeito mútuo e da liberdade.

Para tanto, é importante pensar em alternativas de atuação em sala de aula, propondo estratégias de abordagem que possibilitem atingir esse intento. Assim, a organização de um projeto de ensino de literatura que venha, ao menos parcialmente, buscar responder às necessidades de alunos e de professores, precisa, primeiramente, compreender o quadro referencial a partir do qual os sujeitos interpretam sentimentos, pensamentos e ações para, desse modo, poder contemplar os aspectos afetivo, cognitivo e social. Uma possibilidade, não só de influenciar, mas também de modificar esses aspectos, pode ser vislumbrada através da atuação sobre a zona de desenvolvimento proximal da teoria sócio interacionista.

A tentativa de unir ensino de literatura e zona de desenvolvimento proximal remete a uma abordagem de caráter dialético, uma vez que o sujeito da pesquisa, no decurso do processo, vai sofrendo modificações tanto na sua atuação quanto na percepção do objeto de estudo.

As alterações sofridas pelo sujeito determinam as adequações que deverão ser feitas, a fim de criar condições para que os objetivos sejam atingidos. Esse modelo de trabalho propõe melhorar a educação através da mudança, o que ocasiona um processo de ressonância, já que as modificações afetarão, de alguma maneira, outras pessoas. Essa modalidade de investigação possibilita, através de registros, o acompanhamento das mudanças efetuadas nas relações e nas modalidades de organização que delimitam as práticas educativas e o próprio modo de ser e de operar essas práticas (VYGOTSKY, 1984, p.78).

Outro aspecto significativo é a possibilidade de introduzir a prática da pesquisa em sala de aula, ou seja, transformar professores e alunos em sujeitos pesquisadores, pois essa atividade poderá deflagrar um processo de ruptura com paradigmas estereotipados, abrindo espaço para o novo com a constituição de novos sujeitos, aluno e professor, autônomos e capazes de interferir e modificar o seu meio. De acordo com Coelho (2000):

Os alunos apresentam dificuldades na aprendizagem de literatura, uma vez que conteúdos, abordagens e métodos não atendem às suas expectativas e que existe distanciamento entre as propostas de ensino e a realidade concreta dos sujeitos envolvidos no processo (COELHO, 2000, p.43).

Entretanto, se de um lado, constata-se esse distanciamento, por outro, a pesquisa também evidencia a crença do aluno de que leitura é importante. Esse aspecto é um dado extremamente significativo e precisa ser conhecido e utilizado pelo professor, que deve reforçar essa ideia de modo positivo, estabelecendo relações concretas entre leitura, literatura, livros e realidade.

Embora o aluno possa não ser um leitor tão frequente quanto afirma, ainda assim, considera a leitura uma atividade importante; por esse motivo é imprescindível que os professores invistam no processo de leitura, criando novas estratégias de abordagem, mais de acordo com as expectativas do aluno, bem como modalidades pedagógicas adequadas ao ensino da literatura.

2 LITERATURA COMO INSTRUMENTO FACILITADOR.

2.1 O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.

Atualmente, as dificuldades de leitura vêm se tornando um grande problema enfrentado pelos professores, o que acaba comprometendo a qualidade do ensino e da aprendizagem, bem como o desenvolvimento de indivíduos capazes de questionar as informações e discursos que lhe são transmitidos e impostos pela sociedade.

O analfabetismo funcional, onde o aluno realiza apenas a decodificação de um texto, tem sido alvo de discussão e preocupação por parte dos professores. A leitura produtiva, segundo Lopes (1996, p.52) depende dos processamentos ascendentes e descendentes. O primeiro se refere à decodificação dos textos, enquanto que o processamento descendente envolve os conhecimentos prévios que o leitor ativa ao ler um texto, relacionando-os a este, isto é, o seu conhecimento de mundo que corresponde às suas experiências e vivências, os quais são essenciais para a compreensão.

O ato de ler é considerado como sendo a extração de significado do texto e atribuição de significado ao texto. É necessário que ambos sejam simultâneos, pois, a leitura envolve processos perceptivos e cognitivos.

As aulas de Letras no Brasil eram ministradas por profissionais de outras áreas porque não havia cursos de habilitação nessa área específica, aos quais o excelente ensino de humanística recebido no ensino secundário permitia a esses profissionais o papel de professor de Letras e o ensino da literatura era de encargo deles (LEFFA, 1996, p.98).

Para motivar a leitura e para o conhecimento literário, o professor de literatura pode trilhar caminhos diversificados, porém esses caminhos podem ser de mãos duplas, por um lado é transmissor do conhecimento e motivador da leitura, enquanto de outro pode fazer com que o aluno nunca goste do ato de ler, mais isso depende muito do desempenho do professor na sala de aula, devido a ele ser o responsável em motivar o conhecimento literário. Para alcançar este objetivo tem que elaborar uma aula bem atrativa para atrair a atenção do alunado.

Para isso precisa-se convencer os alunos que através da literatura pode-se ter uma visão mais abrangente do mundo, como também nos remeter a um universo ainda desconhecido, pois a mesma é como uma rede que se entrelaça e amplia nossos horizontes.

Ensinar literatura implica em, antes de tudo, ensinar a ler. Isto é, fazer o aluno criar o gosto pela leitura, seja, pelo método que for. Tanto os PCN's quanto as Diretrizes Curriculares Nacionais não pregam um ensino metodológico de língua e não fazem uma divisão entre o ensino de língua e literatura. Pelo contrário, nas Diretrizes há a preocupação, assim como nos PCN's com a qualidade da escrita e da leitura, realizada pelo aluno.

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso a informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso a saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (BRASIL, 1997, p.07).

Observa-se que nos objetivos das Diretrizes Curriculares Nacionais há a preocupação com o ensino de língua e com a compreensão das diferentes linguagens. Só com base no que diz a legislação já se percebe que o ensino da literatura tem sido equivocado. Contudo, como mudar isso? Uma boa ideia pode ser o ensino de literatura, através de Unidades Temáticas, conforme sugestão desenvolvida por Cereja (2005, p. 161 *apud* MELO; SILVA 2012, p. 96) Segundo os autores, o ensino em geral exige a escolha de uma posição de ensino de acordo com um modelo a ser adotado: transmissivo, construtivista ou sócio interacionista. Entretanto, no ensino de literatura é preciso escolher também os autores que serão trabalhados e como será feita a abordagem: se por autores ou estilos de época.

Desta maneira, o autor ainda argumenta que, quase todas as opções metodológicas de ensino de Literatura têm suas vantagens e desvantagens e que cabe ao professor avaliar a melhor proposta metodológica.

A falta de domínio e conhecimento mais profundo dos autores, do movimento literário e da época de produção dos textos por parte dos alunos pode comprometer esta proposta, tornando-a muito superficial, pois se limitaria a uma mera constatação de fatos na literatura (CEREJA, 2005, p.162 *apud* MELO; SILVA 2012, p.96).

A falta de preparo por parte dos professores, somada a não criticidade em relação ao livro didático, resulta na estagnação diante do atual modelo de ensino literário. Isso pode ser exemplificado por uma pesquisa de mestrado realizada na Paraíba, que investigou o trabalho com a literatura nas escolas públicas e particulares, nela o autor Cordeiro (2002, p.34) percebeu que, por parte dos professores, não há uma preocupação com os adolescentes no sentido de oferecer-lhes um ensino de literatura voltado para seus interesses literários. Por sua vez, os docentes se mostram preocupados com o desapego dos alunos diante dos textos, o que eles atribuem à falta do hábito da leitura literária.

Apesar disso, modificações na prática docente com vista a uma mudança nos parâmetros de seleção daquilo que deve ser lido não são cogitadas. Ainda que sigam as orientações dos livros didáticos, os professores tecem inúmeras críticas tanto aos textos presentes nestes livros quanto às suas abordagens, o que supõe que esses professores não têm autonomia suficiente para buscar textos e novas abordagens além daquelas que se encontram no livro didático.

Nesse contexto, ocorre um processo de didatização da leitura, evidenciando o desconhecimento teórico dos informantes sobre a natureza específica do texto literário, sobre seu conteúdo e metodologia, conforme Silva (2001, p.32), que acrescenta:

A falta de metodologia na atuação docente, o desconhecimento do acervo literário com o qual poderiam melhor desenvolver suas aulas, por vezes agravada pela precariedade de recursos da escola pública, configuram-se nas críticas mais comuns. Além disso, há o reconhecimento por parte dos pesquisadores da má formação dos docentes e mesmo de sua incapacidade para buscar interação entre o aluno-leitor e o texto.

O papel da escola na formação de leitores deve ir além do domínio da leitura e do acesso ao livro. Os vários suportes e os diferentes códigos e mídias devem ser tratados no ambiente escolar, na perspectiva de democratização do acesso aos diversos bens culturais e sociais disponíveis na sociedade contemporânea.

A política deve focalizar na formação do comportamento leitor, facilitado pela viabilização de livros cada vez mais acessíveis para todos os brasileiros, e práticas pedagógicas que promovam a produção e a leitura, a exemplo das oficinas de professores e alunos para a produção de textos.

Desenvolver a percepção crítica do docente acerca de seu papel fundamental na mediação aluno-texto, cuidando em ser leitor ativo e em constante formação ele próprio; trabalhando, na medida do possível, sem fragmentar os textos como costuma fazer o livro didático. (SILVA, 2001, p.78)

As novas perspectivas conferem outro rumo ao entendimento do cânone, que era visto como elenco de obras e autores notáveis. Também o conceito de literariedade, tão precioso aos formalistas, foi questionado, possibilitando uma abertura para novas concepções teóricas.

A inserção de registros linguísticos até então não privilegiados, de formas não referenda das pela cultura erudita, de manifestações da cultura oral ampliaram o conceito de literatura, destituindo a ideia de exclusividade, de acesso restrito, destinado apenas a alguns ilustrados.

Uma proposta interessante para que o aluno aguçe sua vontade pela leitura e fazer com que ele se insira na obra e faça uma comparação das obras lidas com a realidade vivida, usando seu conhecimento de mundo, assim afirma Silva (2001, p. 97). Entende-se que, as palavras escritas só farão sentido para o aluno leitor de ele relaciona-las com o conhecimento construído por meio de suas experiências de vida, já que as palavras adquirem sentidos diferentes dos que encontramos nos dicionários.

O sentido das palavras muda de sujeito para sujeito, e também dependem do contexto em que são usados, diante disso, fica evidente que a consulta a dicionários feita usualmente nas escolas abra um leque de significações sobre a palavra pesquisa, o que não quer dizer que não se deve usar o dicionário e sim que haja interação entre aluno e professor, sobre as significações de tais palavras para facilitar a produção de sentido por parte dos alunos.

2.2 CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM.

Partindo do pressuposto que a literatura é uma disciplina de suma importância na formação de leitores, e considerando, porém, que em nosso município principalmente nas escolas públicas os alunos só têm acesso a essa disciplina ao chegarem ao ensino médio, o que torna para a maioria dos alunos a disciplina desinteressante. Sendo assim, percebe-se a total importância dos alunos

terem contato com essa disciplina ainda na infância, para que na continuidade dos estudos possam se interessar pela leitura e, principalmente para que os mesmos não se tornem apenas leitores funcionais.

Dessa forma fica claro que é dever do professor introduzir a literatura como parte de suas aulas, pois, a mesma é de suma importância para a formação da criança em cidadãos capazes de ler e interpretar texto de forma clara. Apesar dos investimentos em programas de fomento à leitura, como, por exemplo, o Programa Nacional de Biblioteca na Escola – PNBE maioria das escolas, não formam leitores qualitativamente melhores. Isso porque, muitas vezes, o livro literário não é oferecido à criança e os textos que geralmente são apresentados a elas nos livros didáticos, por exemplo, são textos pobres tanto de sentido quanto das relações complexas que envolvem a linguagem. A esse respeito Arena (2010, p.28) afirma:

Mais do que uma “educação social através de uma proposta de valores”, aos leitores pequenos é oferecida a oportunidade de inserir-se no mundo diversificado e plural da cultura humana; mais do que favorecer “uma interpretação ordenada do mundo”, à criança são propostas as múltiplas interpretações da construção social e do legado que a literatura infantil registra, mais do que “uma forma cultural codificada”, o leitor pequeno envereda pela aprendizagem de um milenar instrumento cultural, mais do que se apropriar de uma visão “estética do mundo e de um uso especial de linguagem”, a criança se apropria, pelos instrumentos simbólicos, entre eles a linguagem literária, dos modos de criação artística, pilares indestrutíveis da evolução intelectual e moral do homem.

Portanto, além de se trabalhar o livro literário em sala de aula é relevante a observar como o livro de literatura infantil está sendo trabalhado, tendo em vista se as atividades relacionadas aos livros literários propostas pelos professores atingem as concepções de leitura e literatura infantil e influenciam a construção do sentido pela criança sobre o que é a leitura e literatura.

Dessa forma, se o professor não concebe a literatura infantil “(...) como objeto que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência do mundo de seu leitor (...)” (COELHO, 2000, p.46), irá didatizá-la, o que a descaracteriza e a afasta do leitor, tendo o poder de tirar seu encantamento, tornando-a objeto para adornar outros aprendizados e fazer com que o aluno encare a leitura da literatura infantil (e suas atividades seguintes) apenas como mais uma tarefa exigida pela escola, sem que ele experimente toda a força humanizadora da literatura.

Do mesmo modo, se o professor concebe a leitura como um processo de decodificação, essa concepção permeará suas práticas, garantindo apenas à criança conhecer os elementos que constituem as unidades de nossa língua como sistema, em que a palavra é somente um sinal, para Bakhtin (1995, p. 48), “é apenas uma entidade de conteúdo imutável e se constitui como um instrumento técnico para designar um objeto ou um acontecimento”. Como afirma Arena (2010, p.20):

[...] a palavra está ensopada de cultura e seria dessa forma que deveria ser compreendida pelo aluno leitor. Oferecer a palavra como código acarreta duas situações impensáveis para a lógica bakhtiniana. A primeira, por afastar a palavra do outro, como se esta pertencesse ao sistema abstrato da língua, sem a presença humana. Neste caso, a apropriação não se refere a palavra do outro, mas de uma palavra fora das relações humanas, portanto, afastada da língua como produto cultural dessas relações. O segundo, porque traz implícita a separação entre palavra e cultura, entre enunciado e cultura, entre palavra e ideologia, como se o código fosse uma produção espontânea, sem produtores e acima dos homens [...].

De acordo com as afirmações citadas, de responsabilidade de o professor fazer com que o aluno adentre o mundo da leitura e da escrita, concebendo estas como práticas sociais, transformando-as em aprendizagens significativas, de modo que essas aprendizagens correspondam às necessidades de seus alunos criadas nas relações estabelecidas intencionalmente em sala de aula.

Vigotski (1962, p. 183, *apud* TAILLE, 1992 p. 95), critica o ensino da escrita, cujo o mecanismo prevalece sobre a sua função social, afirma que “à criança se ensina a traçar letras e a formar com elas palavras, mas não se ensina a linguagem escrita” e que “nosso ensino ainda não se baseia no desenvolvimento natural das necessidades da criança, nem em sua própria iniciativa: lhe chega de fora, das mãos do professor e lembra a aquisição de um hábito técnico”.

Dentre os muitos desafios enfrentados pelos professores nas escolas, a dificuldade na inserção da literatura faz-se presente entre esses desafios, assim sendo, essa dificuldade é um dos fatores que contribuem para que a maioria dos alunos leiam, mais não sejam capazes de decodificar essa leitura, não fazendo assim uma boa interpretação de textos, muitos alunos leem e não tem capacidade de definir qual o assunto tratado no texto. Esse déficit na leitura é algo que deve ser trabalhado desde cedo nas escolas, incentivando as crianças a uma formação onde

a leitura faça parte do contexto escolar, possibilitando que elas se tornem cidadãos leitores, capazes de pensar e agir na sociedade.

Ao incluir a literatura nos anos iniciais do fundamental, tem-se como objetivo, incentivar a leitura, buscando trazer o costume de ler aos alunos (SOLE, 1998, p. 172), afirma que “um dos múltiplos desafios a serem enfrentados pela escola é o de fazer com que alunos aprendam a ler corretamente”.

De acordo com a autora não é suficiente que o aluno saiba as palavras escritas no texto, é necessário ir além, fazendo com que haja uma compreensão por parte desse alunado do que está sendo lido, pois em uma sociedade considerada letrada é imprescindível ao cidadão essa condição de leitor crítico, para que assim possa agir com autonomia literária dentro dessa sociedade.

2.3 METODOLOGIAS PARA TRABALHAR A LITERATURA INFANTOJUVENIL EM SALA DE AULA.

O ensino da literatura Infantojuvenil, não tem sido feito de forma que faça com que os alunos sintam prazer na leitura de textos literários, muitas vezes o professor não sabe como trabalhar e escolher os textos para ser trabalhado em sala de aula, deixando assim de lado o ensino da literatura que é de suma importância para a formação de um cidadão leitor funcional. Para que o ensino da literatura seja eficaz o primeiro passo a ser dado pelo professor é procurar metodologias que atraiam a atenção dos seus alunos, tornando a aula interessante e atrativa.

Ao se trabalhar a leitura em sala de aula priorizando a correspondência grafema-fonema, desconsiderando-a como prática cultural, ou ainda utilizando o texto literário como pretexto para ensinar gramática ou normas de conduta, não estamos falando de leitura (como sinônimo de compreensão), mas do domínio de uma técnica esvaziada de sentido para a criança e que nada tem a ver com suas necessidades e interesses (GIROTTI e SOUZA, 2010, p.52).

[...] tendo como base estudos teóricos podemos afirmar que a orientação no processo de aprendizagem e na formação de desenvolvimento de estratégias de leitura, sendo articuladas pela Literatura infantil faz com que formem-se leitores os quais a competência alcance além de decorações de códigos linguísticos, possibilitando a formação de leitores que se aproprie de forma íntima das obras e do próprio processo de leitura, de um leitor literário. (COSSON, 2006, p.72).

Portanto, fica claro que é dever dos professores do ensino infantil inserirem na grade curricular das disciplinas mais próximas a literatura, tais como Língua Portuguesa e Redação, já que a disciplina de literatura não é obrigatória pelo sistema, porém a mesma é de total relevância na formação de bons leitores e escritores, pois o gosto pela leitura deve ser aguçado desde a entrada da criança na escola, para que quando a mesma chegar ao ensino médio ou até mesmo a vida acadêmica já ter uma boa base e interesse nos clássicos literários, e dessa forma também haverá mais valorização da disciplina de literatura que é tão importante porém pouco valorizada.

O trabalho com a literatura deve contar com um professor apto “à escolha de obras apropriadas ao leitor infantil; ao emprego de recursos metodológicos eficazes, que estimulem a leitura, suscitando a compreensão das obras e a verbalização, pelos alunos, do sentido apreendido” (ZILBERMAN, 1985, p.26).

Contudo, para que um professor consiga fazer em sua sala de aula com que a proposta colocada citada pela autora, é necessária que o mesmo tenha uma preparação durante o curso de graduação superior que faça com que o mesmo consiga adquirir um conjunto crucial de ensinamentos tais como, ter em memória um acervo literário que seja impactante. Além de precisar ter um sob seu domínio critérios que façam que o mesmo possa julgar esteticamente e que possibilitem selecionar obras com valor literário, e preciso também que o tal professor tenha conhecimento de obras literárias com conteúdos específicos para as crianças e por fim é necessário que o professor saiba manipular técnicas e métodos de ensino que deem margem ao mestre no processo de incentivo à leitura.

Sendo assim, fica claro que para ter um bom desempenho no ensino da literatura nas séries iniciais não basta apenas ser professor é necessário estar incansavelmente em busca de meios que possam atrair a atenção do alunado com metodologias incrementadas e inovadoras, para que o desejo pela leitura das crianças seja aguçado levando-os a ter vontade de adentrar no fantástico mundo literário.

O modo de construção lento e progressivo da leitura, que requer uma intervenção docente respeitosa e adequada, está vinculado a alguns princípios norteadores, a saber: “Aprender a ler significa aprender a encontrar sentido e interesse na leitura. Significa aprender a se considerar

competente para a realização das tarefas de leitura e a sentir a experiência emocional gratificante da aprendizagem” (SOLÉ, 1998, p.172).

Percebe-se que a autora volta seu pensamento para a leitura de uma forma geral, também podemos aplicar facilmente a proposta acima citada em textos literários. Outra das intenções principais na metodologia de ensino da literatura infantil e de elevar a leitura para um degrau mais alto, fazendo com que o leitor (criança) sinta prazer pela leitura seja pelo fato de ter aprendido, pelo fato de ter vencido barreiras ou simplesmente por ter sido tocado emocionalmente pela obra a qual foi lida.

Solé (1998, p.173) dando início a sua explanação a respeito das funções da leitura fala que: “Aprender a ler também significa aprender a ser ativo durante a leitura, ter objetivos para ela, se auto interrogar sobre o conteúdo e sobre a própria compreensão. Em suma, significa aprender a ser ativo, curioso e a exercer controle sobre a própria aprendizagem”.

E importante para que haja melhor aprendizado, a interação com determinação entre professores e alunos, havendo assim uma troca de experiências referente à leitura de contos literários, tornando essas leituras eficazes. Para uma melhor efetivação do aprendizado da literatura e necessário que o professor siga alguns passos já que para conseguir tal condição passa-se por um processo que é explicado da seguinte forma por Costa (2013):

O processo envolve diferentes e atuantes sujeitos: o autor, que constrói intenções e beleza em sua literatura, o leitor aluno, que parte em busca, com seu repertório e experiência, de outras leituras, dos sentidos dessa literatura, e o professor mediador, que, com conhecimento, maturidade e metodologia, está apto a possibilitar a seus alunos um ambiente proveitoso e enriquecedor de leitura. Esses sujeitos aliam-se numa associação eficaz de ações de leitura compartilhada. Ensinar a ler é uma questão de compartilhar. Compartilhar objetivos, compartilhar tarefas, compartilhar os significados construídos em torno delas. No entanto, nessa atividade compartilhada, a responsabilidade é diferente para o professor e para os alunos, pois o primeiro pode se colocar ao nível dos segundos, para ajudá-los a se aproximar dos objetivos perseguidos (COSTA, 2013, p.45).

Bamberger (2000, p.24), ao tratar de estratégias para estimular a leitura em geral, propõe alguns princípios educativos que devem, em seu entender, reger o ensino da leitura. Selecionamos entre eles aqueles que podem ser aplicáveis à literatura.

Dessa forma fica evidente que para ensinar a ler não basta apenas entregar um livro para as crianças e exigir que os mesmos leiam, isso fará apenas com que os mesmos criem uma barreira e acaba criando o estereótipo de que ler é “chato” assim quando as crianças chegam a idade adulta só conseguem ler por obrigação tornando-se um leitor incapaz de compreender o que está escondido nas entrelinhas do texto.

Em primeiro lugar, convém ressaltar a importância que tem o exemplo do professor que lê e fala sobre leitura e livros para seus alunos: “Na idade pré-escolar e nos primeiros anos de escola, contar e ler histórias em voz alta e falar sobre livros de gravuras é importantíssimo para o desenvolvimento do vocabulário e, mais importante ainda, para a motivação da leitura”. O início do contato com a leitura e a literatura remonta aos primeiros dias de vida da criança. Na escola, desde o primeiro dia de sua entrada, a criança precisa ser exposta ao contato com histórias e poemas, contados oralmente pelo professor ou mostrados em livros ao alcance dos olhos e do manuseio da criança. A criação de um ambiente favorável à leitura irá pouco a pouco construindo na mente infantil a imagem de uma atividade enriquecedora e prazerosa. Não se trata apenas de vocabulário, mas de estruturas poéticas e narrativas. A criança aprende a temporalidade dos contos (o antes e o depois das ações), aprende a reconhecer o herói, a importância da ação narrativa, as imagens de movimento, de espaços e caráter dos personagens, bem como a presença de imagens de comparação, metáforas e sinestesias. (COSTA, 2013, p.45).

Dessa forma percebeu-se que a leitura é um poço de água límpida e que a sede dessa água deve ser aguçada ainda nos primeiros anos escolares e o professor é o responsável por despertar no aluno a sede de leitura e ainda fazer com que essa leitura seja verdadeiramente construtora de um leitor capaz de reconhecer todos os aspectos explícitos e implícitos que estão agrupados em um livro.

Colomer (2003, p.136) faz uma grande e importante contribuição ao destacar que a preferência das crianças por ler ou ouvir repetidas vezes a mesma história, o que muitas vezes os professores acreditam ser por falta de conhecimento de outras obras ou histórias, porém esse pensamento é falso, pois, cada criança leva para seu íntimo a história e se coloca no lugar do herói ou princesa se tornando assim parte da mesma o que faz com que haja uma grande preferência em relação a essa ou aquela narrativa:

Mas, se bem que seja fora de dúvida que as crianças se interessam especialmente pelo enredo, parece muito discutível que ele seja o único elemento importante em sua leitura e, mais ainda, que a escola deva acomodar-se a esta situação. Em realidade, fenômenos como a insistência infantil em ouvir ou ler as mesmas histórias várias vezes, indicam um argumento evidente em favor do prazer da recorrência literária e

desmentem a preeminência exclusiva da intriga como fruição. (COLOMER, 2003, p.136).

Ler em silêncio significa ler para si próprio, está é uma prática de suma importância e bem relevante que a mesma seja feita antes de se fazer a leitura para outros, já que se entende melhor quando se faz uma leitura prévia em silêncio. A leitura silenciosa é à base da educação individual da leitura, no entanto, não se deve deixar de lado a leitura em voz alta, pois é através da mesma que se tem o desenvolvimento da fala e da interação social.

Mesmo antes que a alfabetização confira certa independência de leitura à criança, o contato individual e silencioso com o livro tem função educativa, porque prepara o leitor para os contatos diretos entre as imagens lidas e o desenvolvimento de emoções e do imaginário, sem que haja intervenção e invasão do adulto. Os livros de literatura infantil na atualidade são compostos, quase como imperiosa obrigação, pelo texto escrito e pela ilustração. Isso permite que as crianças ainda não alfabetizadas convivam harmoniosamente com livros apenas de imagens, ou mesmo com textos escritos. Em suas hipóteses de leitura, elas exercitam o olhar e a imaginação, num trabalho que prepara a leitura de textos de maior extensão e complexidade nas séries futuras (COSTA, 2013. p.47).

Um professor, preparado de forma eficiente não pode deixar de forma alguma de ler em voz alta textos da tradição e textos contemporâneos para as crianças ainda iletradas, tais textos devem obrigatoriamente conter narrativas curtas, das fábulas, dos contos populares, das parlendas, dos poemas curtos, das histórias do gênero maravilhoso com fadas ou animais, para que atraia a atenção das crianças e não seja uma leitura cansativa.

De acordo com Bamberger (2000, p.35), o repertório infantil vai aos poucos se constituindo e armazenando estruturas narrativas e poéticas que, mais tarde, servirão de lastro para a leitura individual de cada criança. A leitura silenciosa e solitária é outro princípio das estratégias metodológicas do trabalho com leitura. Sendo assim, uma das metodologias que não deve de forma alguma ser deixada de lado é a leitura silenciosa, já que, a mesma abre um leque de possibilidades de aproximação com o gosto pela leitura literária.

Quando se trata de literatura muitas vezes o professor opta por fazer as leituras em voz alta e silenciosa de forma alternada, pois, muitas vezes o que faz com que as crianças sintam vontade de ler novamente a mesma história é a forma em que a mesma é contada pelo professor, portanto, é necessário que o professor

coloque emoção e entusiasmo quando se lê para as crianças para que elas experimentem de novo e individualmente o mesmo prazer vivenciado em grupo, quando da leitura do professor.

Bamberger (2000, p.85) enfatiza que prática pedagógica que vem sendo deixada de lado muitas vezes nas escolas pelos professores:

Adequar a escolha dos textos a serem apresentados a objetivos claros e definidos de formação do leitor e a de preparar essas apresentações, levando em conta as diferenças entre contos e poemas, entre os contos do maravilhoso e os do cotidiano e assim por diante. A leitura em voz alta segue, muitas vezes, um modelo único, independentemente da qualidade do texto, de sua proposta narrativa, de suas intenções ideológicas. A leitura em voz alta é também um exercício de interpretação e necessita de leitura prévia e de preparação vocal e gestual. Na mesma intenção, se for delegada à criança a tarefa de ler, cabe ao professor preparar esse leitor para que a interpretação em voz alta seja a mais adequada ao texto, sem improvisações, balbucios, erros de prosódia e defeitos de dicção. Essa estratégia é eficaz na conquista dos leitores e no incentivo ao manuseio de livros, mas precisa ser desenvolvida com eficiência e arte.

No intuito de fazer com que o desabroche o amor à leitura nas crianças, tem se batido muitas vezes na tecla da motivação muito se tem insistido em fazer atividades relacionadas ao texto ou história que foi lida anteriormente o que muitas vezes faz com que o aluno se canse da história e perca o interesse pela leitura.

Outro risco que o professor corre ao sobrevalorizar as atividades a partir da leitura de escritos literários é levar as crianças a associarem a leitura a alguma prática subsequente. Sem ela, a leitura não teria valor. Não é raro observar a expressão de espanto das crianças quando pela primeira vez se propõe uma leitura que se encerra nela mesma. “Não precisa fazer nada?”, perguntam espantadas, já condicionadas pelo ativismo. Essa surpresa dá a exata medida do quanto a literatura (não instrumental nem escolarizada por natureza) está recebendo atualmente um tratamento utilitário na escola. Tratamento esse exigido, por vezes, pelo hábito de avaliação da leitura (por meio de provas, questionários ou resumos) ou pela necessidade de apresentar à coordenação, à supervisão, à direção e/ou aos pais produtos concretos resultantes da leitura, como exposições, espetáculos de teatro, livrinhos artesanais. No caso das atividades, relacionando-se às iniciativas de formação do leitor para leituras contínuas e de textos complexos, mais vale uma atividade ou trabalho que exija a leitura de três ou quatro livros diferentes do que três ou quatro atividades resultantes da leitura de apenas um livro. Ler se aprende lendo. Não se aprende por osmose, por resumo do enredo das narrativas ou pelo ativismo. (COSTA, 2013 p.126).

Percebe-se, que o desejo do professor em fazer com que o aluno goste do que lhe foi apresentado, passando várias atividades para reafirmar a ideia do texto

faz com que o aluno, apenas codifique alguns fatores relevantes da história e não faz com que ele goste do que foi lido.

Observa-se aqui a realidade da maioria das escolas públicas de ensino fundamental as quais fazem com que os alunos leiam porém o aluno fica preso a uma única leitura a qual é passada e repassada várias vezes, ou seja, o professor aborda a mesma leitura de várias formas fazendo com que os alunos a decorrem e dessa forma faz com que os mesmos não consigam ler outras obras, já que os mesmos não são capazes de compreender palavras e códigos que não estão inseridos na leitura na qual o professor vem trabalhando.

Do mesmo modo, a melhor forma de formar alunos leitores capazes de interpretar um texto de todas as formas cabíveis e ao invés de fazer várias tarefas diferentes com um só texto fazer apenas uma tarefa e tentar inserir nas leituras a maior quantidade possível de obras, sem forçar o intelecto do alunado, só assim teremos futuramente leitores eficazes e com capacidade de ir buscar no mais íntimo do texto o que o autor procurou repassar através do escrito que se tem em mãos.

A prática pedagógica (objetivos, conteúdos, metodologias, estratégias e avaliação) não é neutra, mas envolve opções políticas menos ou mais conscientes, das quais, por sua vez, apenas o discurso não consegue dar conta. É preciso pensar no presente histórico de professores e alunos como possíveis de serem conhecidos e tomados como ponto de partida para a feitura da escola, da leitura e da literatura que queremos, para darmos e propiciarmos avanços qualitativos. (MAGNANI, 1989, p.92).

Aqui pôde-se observar que a muitas das metodologias que os professores consideram relevantes para o ensino da literatura infantil e consequentemente para aguçar o gosto pela leitura de textos literários nas crianças são em sua maioria ineficazes e acabam fazendo com que os alunos não gostem de ler e sim apenas de ouvir as histórias. Sendo assim se faz necessário que utilize-se metodologias que abram o intelecto dos alunos fazendo com que os mesmo tenham prazer ao ler e não se sintam pressionados a ler para resolver exercícios.

A literatura pode e deve ser abordada em sala de aula por meio de atividades criativas e produtivas, não apenas em termos de sentidos diversificados, mas também de trabalhos que espelhem essa variedade e a criatividade própria do texto literário.

O professor deve estar instrumentalizado o para que possa promover o interesse dos alunos pela leitura da literatura, levando-os a aumentar seu repertório

de livros lidos. Ao estimular a leitura, o objetivo maior é avaliar, por meio das atividades, a importância da literatura e o quanto ela pode contribuir para a formação do leitor, desde a mais tenra idade.

As tarefas levadas para a sala de aula deve levar em conta o grau de treinamento de leitura da criança, o estágio do pensamento em que ela se encontra, as técnicas de narrar ou de compor o poema utilizadas pelos escritores e o potencial criativo dos trabalhos propostos.

A literatura faz da linguagem um uso particular, explorando as potencialidades da língua, em busca de efeitos estéticos surpreendentes. “O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras. E, para que toda essa potencialidade possa ser aprendida (porque se aprende a ler literatura: não é dom, não é atávico, não é inato!), professor-alunos-leitores não podem abrir mão de conhecimentos específicos, adquiridos com pesquisa, indagação e práticas de interpretação compartilhada. Para que essa aprendizagem seja diferenciada e efetiva, torna-se necessário considerar as competências exigidas de um leitor de literatura. Ele não apenas lê o texto literário, mas faz também uma aprendizagem sobre literatura e por meio dela, acrescentando habilidades novas a cada desafio ultrapassado. Não podemos esquecer que interpretar é efeito natural dos textos; mas interpretar com saber é resultante de um complexo compartilhamento de conhecimentos, que produzem a melhor compreensão. (COSSON, 2006, p.132)

As relações entre a literatura e a escola podem ser descritas enquanto um processo de interpenetração, pois a escola trata pedagogicamente a liberdade da literatura, enquanto algumas obras literárias tratam de construir os textos visando exclusivamente à leitura escolar. Para que haja entrosamento, alguns princípios devem ser respeitados: a atenção ao leitor, as dificuldades apresentadas gradativamente, a valorização da palavra e da ilustração e os modelos textuais funcionando como programadores de leitura, de vez que obedecem a modelos previamente estabelecidos pela história da cultura.

A preocupação com a formação do leitor na escola, com as etapas que ele deve percorrer, com a qualidade da mediação do professor para atingir um estágio de grande competência na construção de saberes e, portanto, na compreensão dos textos literários norteou nossa caminhada de conhecimento até este momento. Para tanto, foram discutidas questões a respeito de acervos, metodologia e tipos de comportamentos diante do texto literário que favorecem a caminhada do leitor rumo a leitura eficaz.

Portanto, ensinar literatura não é apenas ler historinhas para as crianças em sala de aula, e nem apresenta-lhes vários exercícios referentes as histórias lidas anteriormente, ensinar literatura é fazer com que os alunos criem gosto pela leitura de forma que possam ler sem serem mandados, que possam escolher seus livros preferidos sem ser sugerido por terceiros ou seja o dever do professor é fazer com que a criança goste de ler e sinta prazer na leitura e para isso é necessário metodologias lúdicas e bastante extrovertidas pois assim as crianças irão despertar para o imensurável mundo literário.

3 INCLUSÃO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NOS ANOS INICIAIS.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental “Antônio Gonzaga Barros” pertence à esfera Pública Municipal e estava situada na Av. Riomar Tapajós Virgulino Lages (23ª rua), Bairro Bom Remédio, nesta cidade de Itaituba-Pará. Segundo Projeto Político Pedagógico (PPP) a Instituição Educacional tem como filosofia “A formação do educando em seus aspectos físico, intelectual e cultural, de forma harmônica e crítica, considerando sempre uma realidade sócio/econômico e cultural, suas reais necessidades e interesses, garantindo assim, a apropriação do conhecimento, que assegura ao educando uma participação político social mais efetiva na sociedade, baseada na confiança mútua, na participação, no respeito e na solidariedade, devendo estar presente em toda a prática escolar, seja essa prática pedagógica, política ou puramente administrativa”.

A escola vem mudando ao longo de tempo, segundo relatos de pessoas que participaram dessas transformações, a escola foi murada com a ajuda dos alunos principalmente do turno da noite que levavam tijolos das construções por onde passavam ao ir para escola, isso por um apelo da então diretora Srª. Rosirene Lopes, que foi quem participou ativamente de muitos momentos da escola (esse ano de 2016 a escola fez uma belíssima homenagem a ela durante o desfile de 7 de setembro).

A Instituição de Ensino iniciou atividades educativas, no ano de 1981, continha 02 (duas) salas de aulas, 01 (uma) secretaria, 01 (uma) cozinha e 01 (um) banheiro. A Escola atendia uma demanda de 245 (duzentos e quarenta e cinco) alunos, devidamente matriculados nos turnos: manhã, tarde e noite.

Atualmente a escola conta com um total de 1.450 (um mil quatrocentos e cinquenta) alunos matriculados, sendo 41 (quarenta e um) desses da educação especial, em número de funcionários a escola conta com 109 (cento e nove) colaboradores no geral, quadro que diminuiu no último ano. A escola oferta o Ensino Fundamental menor e maior, EJA (Educação de Jovens e Adultos), e Educação Especial, sendo a escola polo em Educação Especial.

Após várias melhorias na estrutura física, no ano de 2004 a escola foi dividida em três blocos: No primeiro encontra-se uma cantina, um auditório, uma sala de

Coordenação do Programa Mais Educação e uma sala de Atendimento Educacional Especializado. O segundo bloco é formado por uma Sala de leitura com acervo bibliográfico, um telecentro, uma sala dos professores com banheiro, uma secretaria, uma diretoria, duas sala para coordenação técnico-Pedagógica, um banheiro administrativo, uma sala para o arquivo passivo, uma sala do conselho escolar, três salas de aula. O terceiro bloco está composto por dois pisos.

Ainda sobre a estrutura da escola, no térreo existe doze banheiros femininos, doze banheiros masculinos, oito salas de aulas, um refeitório com bebedouro e tanque, uma cozinha com dispensa e depósito internos. No andar superior estão doze salas de aulas, doze banheiros femininos e doze banheiros masculinos.

A composição da escola está estendida uma quadra coberta, uma confortável área/passarela coberta, área para recreações cimentada sem cobertura, três áreas reservadas para jardins e hortas, uma rampa de acessibilidade, uma área para bicicletário, uma área de areia, e um incinerador. Vale ressaltar que esse espaço vem sendo revitalizado e reorganizado depois que a Sr^a. Odeize Miranda assumiu a direção da escola, segundo relato de professores, com essas mudanças até a qualidade do ensino está melhorando gradativamente.

Como toda instituição de grande porte existem também as dificuldades, sendo que a escola era considerada a maior em número de alunos do município. Desse modo, eram muitos os contratemplos encontrados e cabia a direção e técnicos encontrarem soluções. A escola funciona em três turnos fazendo com que houvesse um revezamento entre técnicos e direção, afim de, acompanhar o turno da noite e manter a ordem na instituição.

O quadro de funcionários é bem amplo, e para que tudo funcione bem é necessário um bom planejamento interno e principalmente uma colaboração de todos os envolvidos no processo educacional. A instituição procura fazer com que todos se relacionem harmonicamente e cada vez mais busca trazer a família para o convívio escolar, ação que apresenta resultados positivos, pois os pais participam ativamente nas atividades e projetos ali desenvolvidos.

Considerando a abordagem do tema escolhido e fazendo um processo de ligação com a escolha da escola polo da pesquisa, vê se que a escola possui uma biblioteca e projetos ligados a leitura, porem falta um maior incentivo à leitura, o que é um dos intuitos desse trabalho. A escola possui muitos livros que não são aproveitados pelo corpo docente, a biblioteca serve mais como deposito de livros do

que como lugar de leitura, deixando assim a desejar o processo aprimoramento do gosto pela leitura que deve ser desenvolvido para os alunos.

3.2 PERFIL DOS EDUCADORES ENTREVISTADOS.

Na realização desta pesquisa foram entrevistados dez (10) professores que lecionam no ensino fundamental da escola municipal Antônio Gonzaga Barros, dos dez (10) entrevistados sete (7) são do sexo feminino enquanto os outros três (3) são do sexo masculino, quanto à idade dos entrevistados um (1) possui idade entre 25 a 30 anos, dois (2) possuem idades entre 31 e 36 anos e os outros sete (7) restantes possuem idade superior a 37 anos.

Quando se fala em formação acadêmica dois (2) são graduados um (1) em pedagogia e o outro em Licenciatura em informática, os outros oito (8) possuem pós graduação nas áreas de Pedagogia, Docência de Ensino Superior e Educação Infantil e séries iniciais. Sobre o tempo de docência em sala de aula os três (3) dos entrevistados possuem entre 6 e 10 anos de docência, dois (2) possuem entre 11 e 16 anos de experiência em sala de aula e cinco possuem mais de dezessete (17) anos de experiência em docência.

Pode-se perceber, portanto, que todos os entrevistados possuem experiência e formação suficiente para serem bons educadores, pois ser professor não é apenas uma profissão e sim um dom que nem todas as pessoas com formação para esta função possuem.

A formação de professores deve estar em contínua capacitação, principalmente no quesito qualificação profissional, para que se possa estar sempre em busca de novas práticas e informações que agreguem valor para se ter uma aprendizagem significativa.

O aperfeiçoamento na formação do professor possibilita que ele forme leitores críticos, fluentes, conscientes. Quando se tem sabe a importância da leitura e dos livros para a formação de seus alunos, seja ela individual, social e cultural, melhor será a contribuição do professor.

O professor em constante busca de aprendizado sabe como é primordial a leitura tanto para sua formação de qualidade, quanto em desenvolver práticas que estimulem o hábito de ler e criar estímulos para que se construam atitudes comuns para que o aluno possa gostar de ler e desenvolva comportamentos leitores.

3.3 METODOLOGIA ADOTADA NA PESQUISA.

O presente estudo se dá pelo levantamento bibliográfico e que possibilitou abordagem didática e histórica do tema proposto. Um dos conceitos de uma pesquisa bibliográfica, Gil (1999) explica que:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo (GIL, 1999, p.65).

Através dos dados bibliográficos se tem contato com outros trabalhos desenvolvidos nessa mesma linha de estudo que já se tornaram públicos, através de publicações em livros, artigos, revistas, etc. A pesquisa bibliográfica tem por finalidade propor ao pesquisador contato direto com boa parte do que já foi escrito, sobre o tema proposto.

No primeiro passo para a pesquisa bibliográfica buscou-se adquirir embasamento teórico para correlacioná-lo com os dados que foram obtidos na pesquisa. O embasamento teórico possibilita saber em que estado está atualmente o problema, as pesquisas que já foram realizadas e opiniões diversas sobre o assunto, permitindo estabelecer um modelo teórico inicial como referência, auxiliando na elaboração das ideias geral da pesquisa.

Nesta pesquisa foi utilizada a coleta de dados por meio de um questionário. Lakatos (2010) explica sobre como deve se direcionar uma pesquisa por um questionário.

Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo. Junto com o questionário deve-se enviar uma nota ou carta explicando a natureza da pesquisa, sua importância e a necessidade de obter respostas, tentando despertar o interesse do recebedor, no sentido de que ele preencha e devolva o questionário dentro de um prazo razoável (LAKATOS, 2010, p.184).

Pelo questionário, podem-se obter respostas precisas, pois através desse método de coleta de dados, o entrevistado se sente livre para responder em razão do anonimato. Foram dez educadores que participaram de maneira tranquila. Após

ficarem prontos, os questionários foram recolhidos para serem feitas as análises dos dados.

A pesquisa realizada tem caráter quantitativo-qualitativa, a escolha dessa metodologia definida através do questionário. Gil (1999) relata:

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc. (GIL, 1999, p.128)

A metodologia utilizada contribui para levantar dados sobre o tema, a importância da literatura infantil na formação de alunos leitores. Para que se averiguassem os dados propostos para análise, foram escolhidos educadores de uma escola municipal, situada em Itaituba- Pará.

A preferência por escolher a rede de ensino publica ocorreu por intermédio do estágio realizado no ensino municipal. Observando como o trabalho sobre a inserção da literatura infantil, surgiu interesse em se pesquisar como é desenvolvido esse trabalho e como está o papel do professor e da família.

Através dos dados obtidos e observações sobre a pesquisa, apresentam-se algumas contribuições para que novos olhares sejam voltados para a formação de alunos leitores através da literatura Infantojuvenil.

3.4 RESULTADO E ANÁLISE.

A Literatura Infantojuvenil vem sendo alvo de grandes debates no contexto escolar, pelo fato de a mesma não está inserida na grade curricular das escolas públicas como uma disciplina obrigatória, ficando a cargo do professor inseri-la em sua sala de aula, no entanto, para se trabalhar literatura e necessário um tempo bem relevante o que faz com que os professores tenham que abrir mão do ensino de alguns conteúdos que são tidos como obrigatórios.

Tendo em vista essa problemática fez se necessário uma pesquisa na escola pública de Ensino Fundamental Antônio Gonzaga Barros do município de Itaituba no Estado do Pará, a qual tem como objetivo saber as medidas tomadas pelo professor para inserir a literatura em sua aula.

Para realização da pesquisa, foi aplicado um questionário que tinha o objetivo de coletar dados sobre o conhecimento e trabalho dos professores em relação à literatura Infantojuvenil. Antes do questionário foi feita uma pequena introdução sobre o assunto que trata a Literatura antes de qualquer coisa uma arte, e através desta pode-se conhecer a cultura dos povos passados, por isso se faz necessário que as gerações mais novas saibam o verdadeiro papel que a literatura vem desempenhando ao longo da construção da história da humanidade, “a literatura infantil é a porta de entrada na formação de um público leitor quando adulto. O costume da leitura desde pequeno, somado ao incentivo da família e da escola, é a primeira etapa para a formação de um cidadão culto e crítico em relação à sociedade que o rodeia” (COELHO, 2010, p. 25).

Após breve introdução ao assunto, havia a necessidade de saber a relação dos educadores com o ato de ler, portanto, a primeira pergunta do questionário dava-se da seguinte forma, você se considera Professor Leitor?

Todos os professores entrevistados se consideram leitores, quando se tem um professor que além de ensinar também tem o gosto pela leitura, percebe-se que o mesmo tem maior facilidade para inserir o ensino da Literatura em sua aula, pois para se formar um aluno leitor é necessário em primeiro lugar que o professor tenha um hábito rotineiro de leitura, pois dessa forma o professor já terá uma memória bibliográfica vasta para poder indicar uma boa leitura a seus alunos além de ter maior facilidade em fazer com que os alunos também gostem de ler.

Conforme afirmam Koch e Elias (2006, p.13) a respeito de desenvolver o ato de ler “encontra-se reforçado, na atividade de leitura, o papel do leitor enquanto construtor de sentido, utilizando-se para tanto, de estratégias, tais como seleção, antecipação, influência e verificação”. Diante destes esclarecimentos sobre a leitura, chega-se ao entendimento de que o professor precisa sim de uma boa leitura, levando em conta os objetivos de ler e também considerando que é através do conhecimento e atualização constante que um bom profissional será capaz influenciar novos leitores.

Sabendo que os professores se consideram leitores, deu-se continuidade aos questionamentos, a pergunta seguinte tinha relação com a existência ou não de uma biblioteca na escola.

Verifica-se, que a escola na qual a pesquisa foi aplicada possui sim uma biblioteca, atualmente a maioria das escolas públicas procuram improvisar uma

biblioteca para que os alunos tenham um espaço para leitura e pesquisa em livros dentro da escola, essa ideia de inserir uma biblioteca na escola se dá para que os alunos não recorram as ferramentas mais simples tais como a internet, para fazer seus trabalhos e pesquisas, porém é necessário a intervenção do professor incentivando o uso da mesma pelos alunos.

Portanto, o uso da biblioteca é de suma importância para a formação de alunos leitores, pois através da mesma é imposto aos alunos uma gama de variedades de leituras diferentes. Nessa perspectiva, a biblioteca é um espaço que promove o desenvolvimento intelectual dentro de uma instituição de ensino. Conforme Silva (2001, p.21), ensino e biblioteca, não se excluem. É necessário que ler para que se tenha um processo de ensino de qualidade, tornando indissociável o ensino da biblioteca.

A escola possui uma biblioteca, mais essa existência não significa que ela seja utilizada. Na pergunta seguinte foi questionado se os professores fazem uso da biblioteca? Já que é importantíssimo levar o aluno ao encontro dos livros.

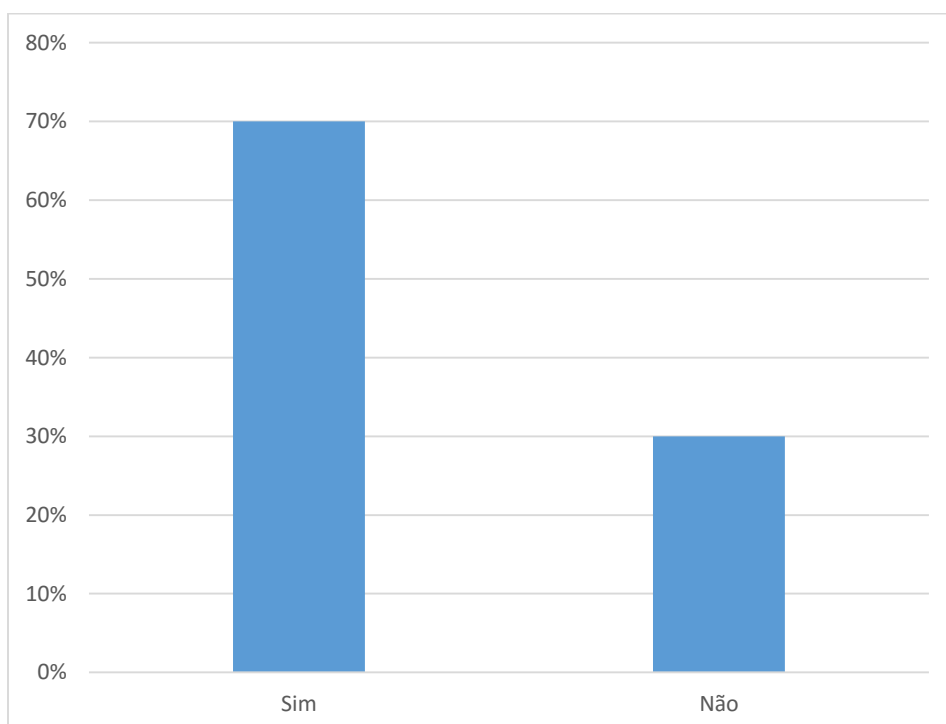


Gráfico 01 – Você utiliza a biblioteca? **Fonte:** Professores da Escola Antônio Gonzaga Barros (2017)

Observa-se através do gráfico que na escola alvo desta pesquisa, 70% dos professores entrevistados fazem o uso da biblioteca, enquanto 30% ainda não

aderiram o uso da mesma como ferramenta de ensino, sendo assim pode-se observar, que ainda existe uma resistência por parte de uma minoria em utilizar a biblioteca para o ensino em suas aulas.

Dessa forma, esses educadores podem estar dificultando a formação de alunos leitores já que os mesmos não têm acesso a biblioteca, porém a maioria dos entrevistados fazem o uso da biblioteca o que não faz crer que tais educadores conseguiram formar alunos capazes de ler efetivamente. Para Libâneo (1994, p. 149) “o processo de ensino se caracteriza pela combinação de atividades do professor e dos alunos”, atividades essas que se desenvolvem dentro da biblioteca, facilitará o processo de leitura e letramento dos alunos.

A escola deve ser incentivadora do ato de ler, esse incentivo deve ser fornecido através de projetos na qual todos os envolvidos no processo educacional devam participar. Assim sendo, na quarta pergunta fez-se necessário saber se existe na escola algum projeto que incentive o aluno a ler?

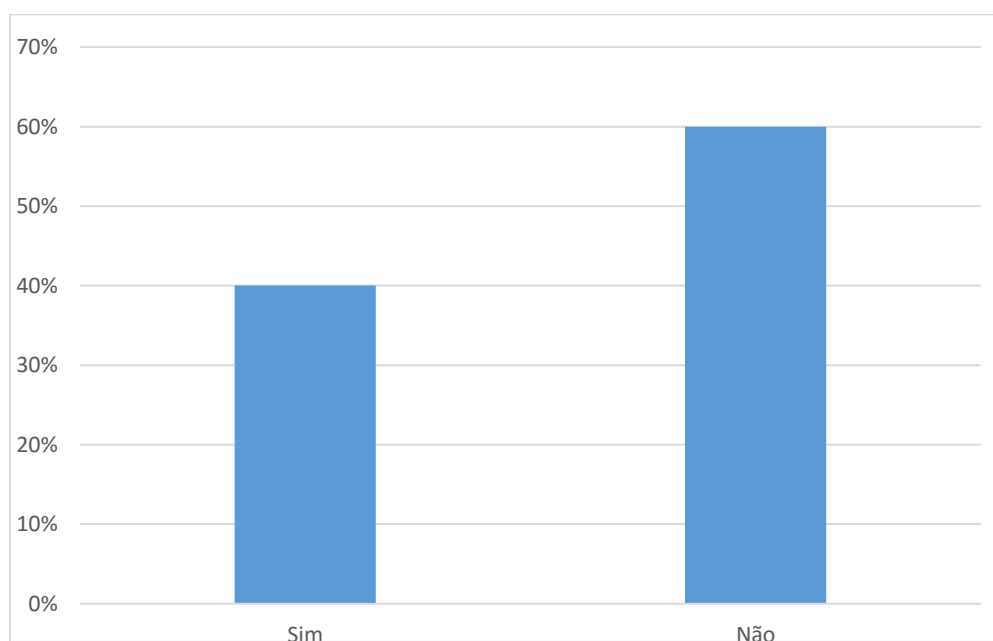


Gráfico 02 – Existe algum projeto que incentive o aluno a ler? **Fonte:** Professores da Escola Antônio Gonzaga Barros (2017)

No gráfico acima fica evidente que há uma divergência nas respostas dos entrevistados, pois, a maioria dos docentes mais precisamente 60%, afirmam que a escola não possui projetos de incentivo à leitura, enquanto os outros 40% dizem que a escola possui sim projetos que incentivem o aluno ler, dessa forma percebemos

que os projetos de incentivo são elaborados e desenvolvidos com as turmas da minoria que afirma que escola possui projetos com tal finalidade.

Nesse sentido, percebe-se que existe certa desunião e relutância por parte de alguns educadores em aderir projetos de incentivo à leitura, se houvesse projetos que englobassem toda a escola seria mais fácil aguçar o desejo pela leitura por parte dos alunos, enquanto isso não ocorre ainda observa-se a relutância dos alunos em ler, pois, o incentivo faz com que os alunos tenham curiosidades a respeito da leitura e através de projetos haveria uma união maior tanto dos educadores quanto dos alunos.

Não se pode negar a importância de cultivar bons hábitos de leitura, principalmente em se tratando de estudante. O papel da escola nessa área de formação é fundamental, já que deve incentivar o aluno a ler. Isto alerta para o fato de que o gosto pela leitura pode ser desenvolvido desde a alfabetização. Visto que, “atividades de leitura bem desenvolvidas mostram aos alunos que eles se alfabetizam para aprender, para divertir-se e para fins práticos, como ler um cartaz, um aviso” (CARVALHO, 2005, p.97). De acordo com o autor faz-se necessário o desenvolvimento de atividades de leitura, que podem ser realizadas através do desenvolvimento de projetos literários ancorados em uma proposta interdisciplinar dentro da escola.

Dando continuidade aos questionamentos foi indagado se a literatura Infantil é apresentada de forma prazerosa? Uma vez que não basta levar os alunos ao encontro dos livros, é necessário que esse encontro seja atrativo e desperte no aluno a vontade de continuar a ler.

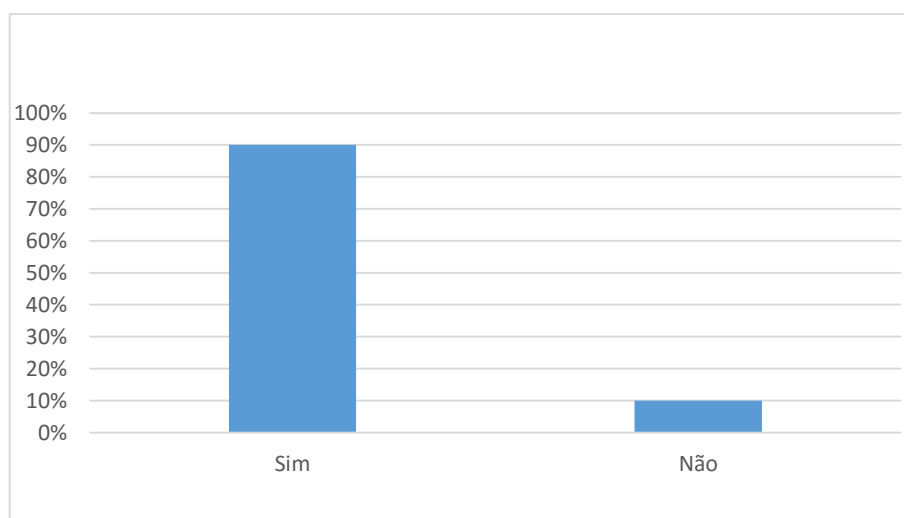


Gráfico 03 – A literatura Infantil é apresentada de forma prazerosa? **Fonte:** Professores da Escola Antônio Gonzaga Barros (2017)

Em análise as respostas, percebe-se que há quase uma humanidade na resposta a maioria dos professores 90%, afirmam que apresentam a literatura infantil de forma prazerosa aos seus alunos, enquanto apenas 10% dizem que a literatura não é apresentada de forma prazerosa a seus alunos.

A literatura infantil é constituída em sua essência, por pressupostos lúdicos, ou seja, relativo ao mundo dos sonhos que na maioria são mágicos, levando a criança ao mundo fantástico.

Os brinquedos possuem outras características, de modo especial a de ser objeto portador de significados rapidamente identificados ele remete o elemento legíveis do real ou do imaginário das crianças. Neste sentido, o brinquedo é dotado de um forte valor cultural, se definirmos a cultura, como um conjunto de significações que permitem compreender determinada sociedade e cultura. (BROUGERE, 1997, p.8)

Tendo em vista que os brinquedos e as atividades lúdicas, foram os responsáveis pela transmissão da cultura de um povo, muitas vezes, de uma geração para outra. Essas atividades lúdicas têm objetivos diversos usados para se divertir, outras vezes para socializar, para promover a união de grupos e, num enfoque pedagógico como um instrumento para transmitir conhecimento.

Para realização de uma boa leitura faz-se necessário um lugar relaxante, onde o foco principal seja a relação do indivíduo com o livro. Nessa percepção, foi questionado aos professores a respeito de os alunos terem um espaço que proporcione o contato com a leitura.

Todos os professores responderam que existe sim esse espaço, tal espaço é de suma importância para a escola, já que nele os alunos podem ficar à vontade sem a supervisão de um professor, ou seja os alunos quando estão neste espaço podem escolher a leitura do seu agrado sem obrigação nenhuma de ler, podendo deixar a mesma de lado caso a leitura não seja o que ele imaginou ao ver o título da obra.

Para Cagliari (1994, p. 25), "o objetivo fundamental da escola é desenvolver a leitura para que o aluno se saia bem em todas as disciplinas, já que se ele for um bom leitor, a escola cumpriu em grande parte a sua tarefa". O autor define que a leitura deve ser a extensão da escola na vida das pessoas para que elas sejam capazes de entender a sociedade em que vivem e transformá-la num mundo melhor.

Considerando a real importância da participação da família na educação de uma criança, foi questionado perante os professores se as atividades Literárias acontecem com a participação da família.

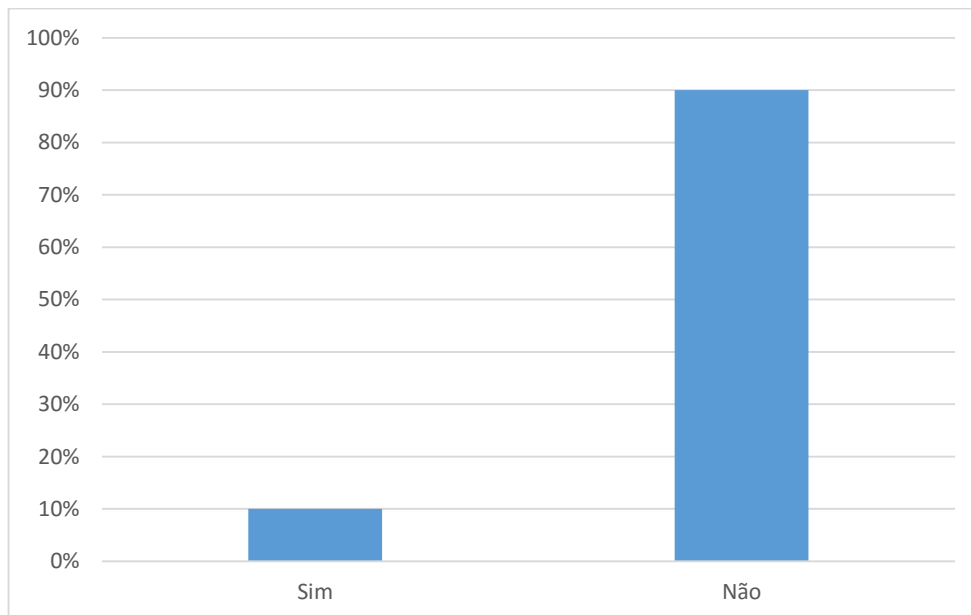


Gráfico 04 – As atividades Literárias acontecem com a participação da família?
Fonte: Professores da Escola Antônio Gonzaga Barros (2017)

Observa-se no gráfico, que noventa (90%) dos professores dizem que a família não participa ativamente nas atividades literárias que a escola desenvolve, esse fator é bastante preocupante, já que quando a família está inserida no dia a dia da escola e respectivamente dos seus filhos os projetos desenvolvidos tem maior chance de chamar a atenção dos alunos.

Em primeiro lugar a família e posteriormente o professor, exercem um papel fundamental no processo educacional. Ao professor, cabe tornar o “hábito de leitura uma prática prazerosa no dia a dia da criança” (CARVALHO; MENDONÇA, 2006, p. 180), postula que é um desafio guiar a criança para tornar-se um leitor ativo. Enquanto a família fica a função de acompanhamento e incentivo aos estudos em geral.

A família e a escola, assim como a sociedade em geral, vêm passando por profundas transformações ao longo do tempo. Essas mudanças acabam por interferir na estrutura da família e no processo de ensino da escola, de forma que a família e a escola, em vista das mudanças, as mães têm de trabalhar fora para ajudar no sustento da casa, transfere-se por vez, para os profissionais da escola as funções educativas que deveriam ser exclusivamente da família.

Sendo assim, fica somente a cargo dos educadores incentivar a leitura e o aprendizado dos alunos, o que acaba prejudicando no processo de ensino aprendizagem, já que o professor está em contato com seus alunos no período em que está em sala de aula e dessa forma não consegue fazer um trabalho efetivo de incentivo que cabe a família.

Fez-se necessário saber a opinião dos professores em relação se, as crianças já trazem consigo algum contato com o mundo da literatura. Considerando que um contato prévio pode auxiliar de forma positiva no processo de ensino-aprendizagem dessa criança.

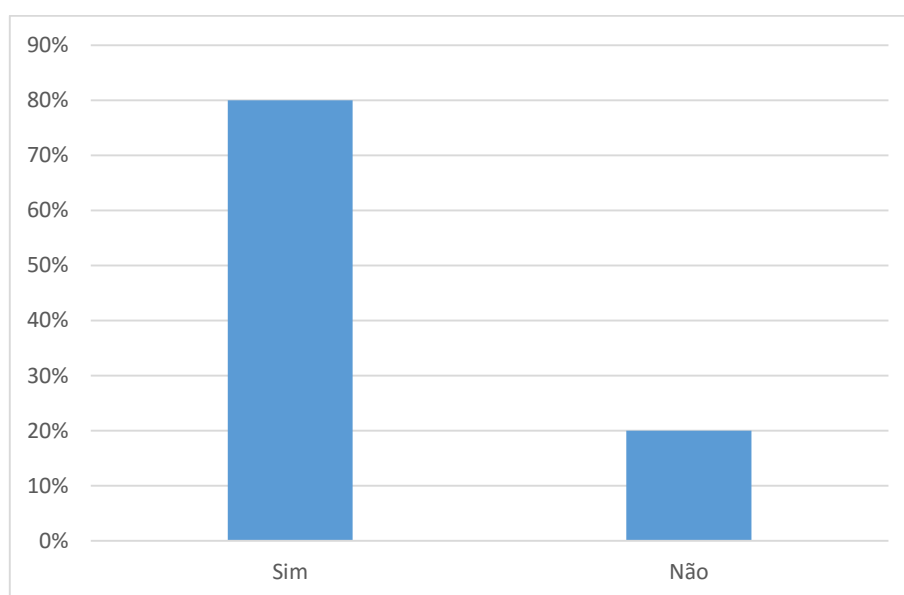


Gráfico 05 – As crianças já trazem algum contato com o mundo da literatura? **Fonte:** Professores da Escola Antônio Gonzaga Barros (2017)

No gráfico percebe-se que a maioria dos professores, mais precisamente 80%, conseguem compreender que os alunos já apresentam um contato prévio, com a literatura, que os mesmos trazem consigo ao entrar na escola e dessa forma os professores devem saber como inserir a literatura para seus alunos em suas aulas, pois cada criança tem uma forma de aprender, e partindo do que ele já sabe fica mais fácil o aprendizado.

Todos nós carregamos uma bagagem literária mesmo antes de ingressarmos na vida escolar. “Desde a mais tenra idade, as pessoas são desafiadas a ler o mundo. Tanto o mundo que as rodeia, quanto o que existe além do seu próprio entorno” (IRELAND, 2007, p.38). No entanto, alguns tem essa bagagem mais desenvolvida que outros e cabe ao professor das series iniciais perceberem e incentivarem os alunos a enriquecer tal bagagem.

A penúltima pergunta tem por objetivo saber dos professores se eles apropriam-se da literatura infantil na formação de alunos leitores, já que a literatura contribui diretamente para o aprendizado do educando.

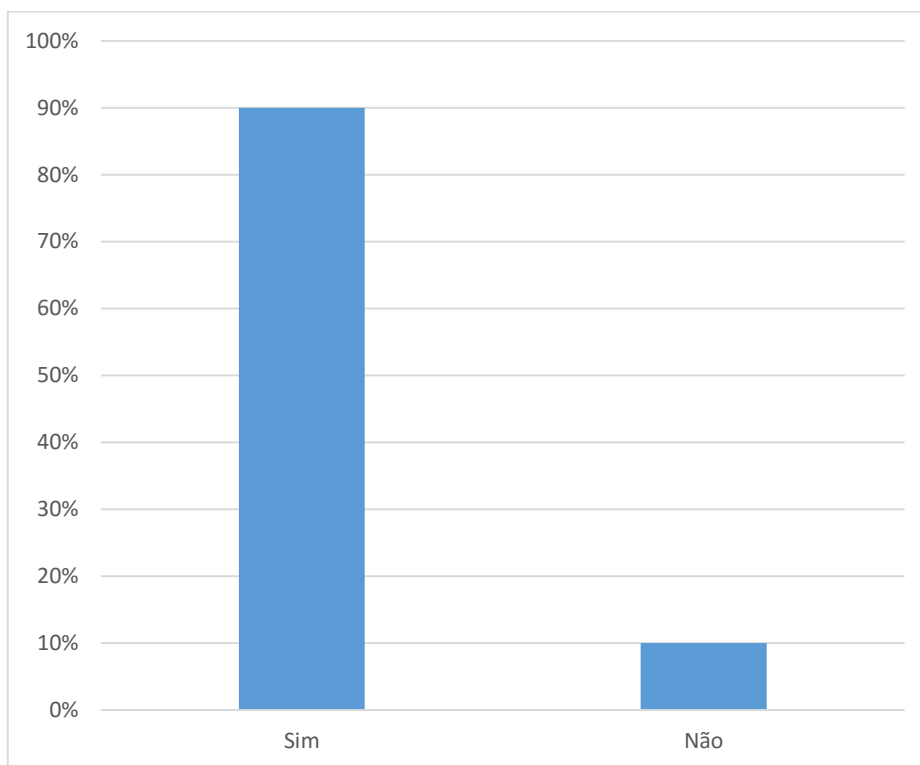


Gráfico 06 – Você como professor se apropria da literatura infantil na formação de alunos leitores? **Fonte:** Professores da Escola Antônio Gonzaga Barros (2017)

Observa-se no gráfico acima que, os professores em sua maioria fazem o uso da literatura infantil em suas aulas, buscando despertar a curiosidade de seus alunos e ao mesmo tempo fazendo com que os mesmos tomem a iniciativa de procurarem leituras por vontade própria.

A literatura infantil é um dos mecanismos mais eficazes para o ensino da leitura, já que através dos contos maravilhosos as crianças começam a despertar seu interesse pela leitura.

De modo que, em suma o “o livro infantil”, se bem que dirigido à criança, é de invenção e intenção do adulto. Transmite os pontos de vista que este considera mais úteis à formação de seus leitores. E transmite-os na linguagem e no estilo que adulto igualmente crê adequados à compreensão e ao gosto do seu público. (MEIRELES, 1984, p.29).

De acordo com Meireles quando se apresenta o livro infantil de forma prazerosa, teremos mais possibilidades de formar leitores capazes, de compreender até mesmo o que não está escrito no texto.

Na pergunta seguinte inicia-se as questões subjetivas. A primeira questão levantada foi, sobre a visão que os professores entrevistados têm sobre a importância da literatura infantil na formação de alunos leitores.

Quadro 01 – Qual sua visão sobre a importância da literatura infantil na formação de alunos leitores.

Fonte: Professores da Escola Antônio Gonzaga Barros (2017)

PROFESSORES	RESPOSTA
A	A Literatura infantil é um mecanismo que o professor se utiliza para incentivar o aluno no processo da leitura de forma prazerosa.
B	A literatura infantil é capaz de transformar o indivíduo em sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem, que sabe compreender o contexto em que vive e modifica-lo de acordo com suas necessidades.
C	É de suma importância na formação do indivíduo, pois o hábito da leitura na infância ajuda a despertar na criança o senso crítico, além de auxiliar o aprendizado.
D	A literatura infantil se faz importante para a iniciação da leitura para os alunos, pois mesmo que ainda não saibam ler, eles já conseguem fazer uma leitura das imagens e incentiva a leitura textual.
E	Ela é muito importante, pois ela tem a capacidade de formar cidadãos ativos na organização de uma sociedade mais consciente e crítica, a leitura é uma das formas de que dispomos para a interação com o ambiente em que estamos inseridos e é para a criança ter uma compreensão do mundo. Por isso é necessário que a criança se familiarize com os livros desde o seu primeiro ano de vida.
F	O aluno que lê, é o aluno que também vai escrever melhor, através da leitura e do conhecimento, poderá ter um futuro melhor (emprego, se preparar para bons concursos) e podemos despertar o prazer pela leitura, através da literatura infantil.
G	A literatura infantil é de suma importância na formação de leitores, pois é através dela que o aluno tem seu primeiro contato com a leitura e daí que surge o interesse por ler mais obras e de forma surge um leitor capaz de mudar o mundo com suas ideias.
H	A literatura infantil aguça a vontade de ler das crianças, tendo em vista isso ela se faz importante na formação de leitores, pois é através da literatura infantil que o aluno tem contato com a leitura.
I	A formação de leitores se dá através do contato inicial com a leitura e o primeiro contato é feito através da literatura infantil sendo assim ela é um fator primordial na formação de um leitor.
J	Acredito que através da leitura o conhecimento do educando irá se ampliar tendo ele acesso às literaturas infantis.

Obteve-se respostas bem interessantes, uma vez que os professores acreditam que o uso da literatura infantil faz com que desperte a curiosidade dos alunos, além de aguçar o senso crítico das crianças.

Também foi relatado que a literatura infantil traz momentos de prazer durante as aulas, como também a literatura é capaz de formar cidadãos, além de aguçar o gosto dos mesmos pela leitura e conseqüentemente quando os alunos têm acesso a

literatura infantil nas séries iniciais, uma vez que os alunos futuramente conseguiram ler e escrever melhor. Dados que podem ser confirmados através do quadro acima.

Em meio as perguntas subjetivas, foi considerando relevante saber dos professores, de forma objetiva, se a escola tem desenvolvido ações que estimulem a literatura nos anos iniciais, uma vez que não é dever apenas do professor realizar atividades literárias e sim de todo corpo de gestão incluindo técnicos.

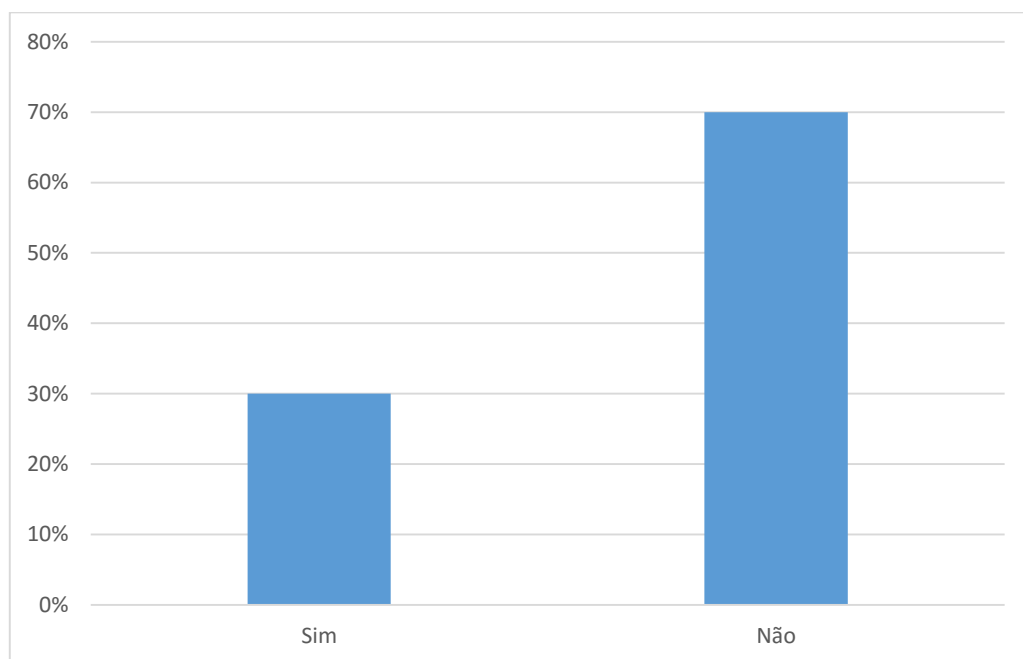


Gráfico 07 – A escola tem desenvolvido ações que estimulem a literatura nos anos iniciais? **Fonte:** Professores da Escola Antônio Gonzaga Barros (2017)

Quando se tem projetos que abordem a literatura infantil na escola, se tem o melhor desenvolvimento dos alunos em relação a leitura e além disso fará com que os alunos consigam desenvolver seu senso crítico. De acordo com os professores entrevistados, a escola vem deixando a desejar nesse quesito, uma vez que a mesma não tem desenvolvido ações de estímulo a leitura. O gráfico acima afirma que 70% dos professores não veem esse tipo de projeto dentro da instituição, apenas 30% afirmam a existência de projetos dessa natureza.

A criança é criativa e precisa de matéria-prima sadia, e com beleza, para organizar seu “mundo mágico”, seu universo possível, onde ela é dona absoluta: constrói e destrói. Constrói e cria, realizando tudo o que ela deseja. A imaginação bem motivada é uma fonte de libertação, com riqueza. É uma forma de conquista de liberdade, que produzirá bons frutos, como a terra agreste, que se aduba e enriquece, produz frutos sazonados (CARVALHO, 1989, p.21).

De acordo com Carvalho a criança é cheia de criatividade, porém a criatividade da mesma para ser bem eficiente precisa ser aguçada, ou seja, é necessário que a criança seja motivada a ler para que se adquira o gosto pela leitura, e quando a escola assume o papel de incentivador, elaborando ações para tal finalidade, fica mais fácil fazer com que a criança tenha melhor desenvolvimento intelectual.

Quando perguntado aos professores como se dá a prática da leitura em sala de aula e qual a importância de incentivá-la? Observou-se nas respostas dos educadores, várias metodologias que são eficazes na formação de leitores tais como textos ilustrados, a escolha voluntária de livros pelos alunos, o professor lendo para seus alunos dentre outras metodologias interessantes. Portanto, pode-se ver que não falta criatividade aos professores na hora de incentivar a leitura em sala de aula.

Quadro 02 – Como se dá a prática da leitura em sala de aula e qual a importância de incentivá-la?

Fonte: Professores da Escola Antônio Gonzaga Barros (2017)

PROFESSOR	RESPOSTA
A	A prática da leitura ocorre dentro do planejamento didático- pedagógico na disciplina de língua portuguesa.
B	A prática da leitura em sala de aula tornam criativos, alunos ativos e grandes leitores.
C	Ocorre de forma simples, ou seja, o docente faz leitura de textos para os alunos, em seguida distribui para cada um textos pequenos para ler. É através da leitura que terão visão ampla.
D	Através de leituras no início da aula. É muito importante incentivar a leitura desde as séries iniciais, porque assim os alunos serão estimulados a gostar da leitura.
E	É introduzida de forma natural no dia a dia das crianças, sem ser algo imposto, levando em consideração o tempo de atenção que a criança dedica a leitura, e respeitando esse limite.
F	O professor lê para os alunos, depois a gente faz a leitura em grupo, quem já sabe lê, faz leitura individual na mesa do professor, tenho uma coleção de livros infantis, eles leem ao final das aulas, quando terminam os deveres.
G	Se dá através da leitura de contos pelo professor, e em seguida fazemos comentários a respeito do texto lido. É importante incentivar a leitura pois a mesma é capaz de mudar pensamentos.
H	Cada aluno escolhe um livro de história infantil levado pelo professor e depois cada aluno conta a história lida da forma que compreendeu para os colegas. É importante incentivar a leitura pois através dela pode-se criar cidadãos capazes de dialogar e compreender.
I	A prática da leitura flui de forma simples, inserido um tempinho para a leitura durante a aula de língua portuguesa onde cada aluno lê um texto. Incentivar a leitura é importante para se fazer com que os alunos se tornem cidadãos capazes.
J	Através de textos ilustrados os alunos irão contando a história, diálogos em grupos ou de forma coletiva essa é uma forma de incentivá-los.

A prática de leitura na sala de aula é um dos temas mais discutidos nas escolas atualmente, pois, cada professor tem sua metodologia de ensino e as metodologias variam de acordo com a necessidade dos alunos. De acordo com o Ministério da Educação (2008), “antes de começar a leitura são produtivos alguns

procedimentos ligados à antecipação de conteúdo, como elaboração de hipóteses (Este texto trata de que assunto? É uma história? É uma notícia? É triste? É engraçado?).

É importante também que se tenha ou se mostre o objetivo da leitura ao leitor/estudante, como propõe Carvalho (2005, p.86). Segundo o autor, há muitas formas em que ocorre a leitura, pois que depender do local e tempo disponível para que isso aconteça, isto é, o material a ser lido. Além da leitura integral do texto exigido pela escola, os leitores podem e devem praticar outras modalidades de leituras, conforme seu desempenho e interesse desenvolvido no ambiente familiar e escolar.

A pergunta que encerrava o questionário aplicado teve como tema: Qual visão tem os professores a respeito da inclusão da literatura Infantojuvenil na matriz curricular?

Quadro 03: Qual visão tem os professores a respeito da inclusão da literatura Infantojuvenil na matriz curricular? **Fonte:** Professores da Escola Antônio Gonzaga Barros (2017)

PROFESSOR	RESPOSTA
A	A minha visão quanto a inclusão da literatura infantil na matriz curricular é positiva, pois quantos mais elementos de estudo as crianças tiverem a tendência é melhorar a qualidade da leitura e do ensino.
B	A literatura Infantojuvenil na matriz curricular se depara nas dificuldades que tem em adequar as salas de aulas esse espaço para a literatura pois ainda não tem na sua grade curricular a literatura, assim os alunos não são oportunizados.
C	Será excelente a inclusão da literatura Infanto-juvenil na matriz curricular. Pois ao tentar formar um leitor competente e crítico a escola junto com a família devesse incentiva-lo internamente a criança.
D	Concordo, seria de fundamental importância.
E	É importante para a formação de bons leitores e de cidadãos mais consciente e críticos, por isso o incentivo dos pais e da escola é fundamental.
F	Seria ótimo, pois obrigaria os professores que não trabalham com literatura a trabalhar, quem vai sair ganhando são os alunos, que poderão se apropriar da leitura de uma forma agradável, através da literatura infantil.
G	Seria de suma importância, pois dará a oportunidade do aluno ter um maior tempo para se dedicar ao aprendizado da leitura.
H	Ao meu ver, essa inclusão seria de grande valia, por incentivar alunos e professores na prática da leitura.
I	Considero importante sim, principalmente se vir acompanhada de uma formação para os professores, pois ainda falta um preparo específico para realização de um bom trabalho nessa área.
J	Acredito que seja de suma importância para que o ensino-aprendizagem venha ser de grande contribuição na vida escolar de educando.

E revelou o otimismo dos professores em relação a inclusão da Literatura Infantojuvenil na matriz curricular, já que com a inclusão tanto aluno quanto educadores só tem a ganhar, uma vez que os mesmos terão maior tempo para

trabalhar essa disciplina sem interferir na grade curricular das demais disciplinas. Apesar dos mesmos saberem das dificuldades que cercam essa inserção os mesmos acreditam que viria a calhar essa disciplina tornando-se obrigatória, na qual os mesmos acreditam que tal disciplina seria mais eficiente na formação de alunos leitores e consequente cidadão capazes.

Como reforça Santos (2013), a educação deve não apenas formar trabalhadores para as exigências do mercado de trabalho, mas cidadãos críticos capazes de transformar um mercado de exploração em um mercado que valorize uma mercadoria cada vez mais importante: o conhecimento.

E a literatura pode contribuir diretamente para a aquisição desse conhecimento por parte do alunado. A partir da inclusão da disciplina na grade curricular, será mais fácil o trabalho com a mesma. Para coelho (2010, p.287).

Essa inclusão ainda não se tornou um fenômeno “global” (como a TV ou a internet) que tenha atingido todas as escolas brasileiras. Longe disso. Como sabemos, toda renovação de costumes ou de modos de ver, pensar e agir se dá lentamente. O importante é que já começou e vem se tornando um importante “produto comercial”. E como vivemos sob a Lei do Mercado...tudo leva a crer que essa “inclusão” veio para ficar e se tornar fecundo instrumento educativo na escola.

De acordo com a autora a inclusão da literatura ainda não é efetiva, mais vem ganhando espaço nas discussões sobre educação. A leitura feita pelo aluno, talvez seja a modalidade que atualmente mais precisa de investimento na escola. É comum ouvir dizer que o computador, a televisão e os jogos de vídeo game são os maiores concorrentes da leitura, e que estão ganhando a disputa. Há uma queixa recorrente dos professores de que os alunos leem pouco, não leem bem, não entendem o que leem, ou seja, não são leitores fluentes. Mas agora com o novo cenário da educação e com a preocupação dos professores em formar bons leitores, tem-se a oportunidade de mudar o quadro geral da leitura nas escolas.

3.5 PROPOSTAS PARA CONTRIBUIR COM O TRABALHO EFICIENTE DO ENSINO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NO ENSINO FUNDAMENTAL.

Após desenvolvimento bibliográfico e pesquisa de campo que fundamentaram o trabalho, viu-se a necessidade de elaborar propostas que viessem a contribuir de alguma forma com o trabalho dos professores no que tange o ensino da literatura

Infanto juvenil. Essas propostas tem por objetivo maior a aproximação do aluno com o mundo literário. As propostas desenvolvidas foram:

- Elaborar e desenvolver projetos literários com a participação da família na escola;
- Levar obras literárias para sala de aula;
- Deixar o aluno escolher livros para leitura, sem interferência do professor;
- Promover oficinas de Leitura com obras Literárias;
- Fazer uso do acervo Literário existente na Biblioteca.

É claro que o professor desempenha mais do que o papel de educador e está sujeito a ele o desenvolvimento cognitivo dos seus alunos, cabendo a ele a articulação de como inserir a Literatura em suas aulas já que a mesma se faz necessário no desenvolvimento da leitura e escrita dos alunos, pois quando o aluno tem contato com a literatura nas séries iniciais, o mesmo não chegara ao ensino médio ou até mesmo na faculdade, tendo essa disciplina como chata e desinteressante, e com o uso das propostas citadas acima fica mais fácil conseguir fazer com que os alunos gostem da literatura, pois a mesma é uma disciplina de suma importância na formação de cidadãos.

CONCLUSÃO

Pôde-se verificar, com este trabalho que a abordagem de textos literários em sala de aula, geralmente, dá-se somente com o modelo proposto pelo livro didático, e até mesmo a maneira de estudá-lo acaba seguindo as orientações do manual. Assim, além de o conteúdo se restringir a fragmentos de obras escolhidos de acordo com os critérios de seus criadores, a literatura acaba se transformando em um pretexto para o estudo da gramática, para o exercício da reescrita, entre outras tarefas de caráter utilitarista.

Diante de tais reflexões, repensar a prática da leitura literária como objeto de ensino é indispensável à formação de cidadãos mais conscientes, sensíveis e prontos para atender às demandas sociais vigentes. Nesse intento, este trabalho proporcionou a elaboração de propostas que motivassem os sujeitos envolvidos diretamente. Percebeu-se que, é imprescindível formar leitores a partir da ampliação do espaço legítimo da leitura literária na escola.

Verificou-se ainda, que o trabalho da literatura nas séries iniciais, vem sendo feito de acordo com a disponibilidade de tempo dada pelo professor para esse ensino, já que tal disciplina não é obrigatória, e assim acaba por se perder parte preciosa no ensino aprendizagem, uma vez que a literatura pode ser tida como uma ferramenta eficaz para fazer com que os alunos tenham o seu gosto pela leitura ampliado.

Nesse sentido, vê-se a necessidade de fazer com que essa disciplina seja inclusa na grade curricular do ensino fundamental, assim como também se faz necessário cursos de aprimoramento para professores para que os mesmo saibam como abordar a literatura em sala de aula, e consigam fazer com que seu alunado goste da literatura, pois são raros aos adolescentes que gostem desta disciplina e este fator, se dá principalmente pelo fato dos mesmos só terem contato com tal disciplina ao chegarem no ensino médio.

Portanto, ensinar a Literatura Infantojuvenil nas séries iniciais, configura-se como proposta relevante do ponto de vista do processo de ensino-aprendizagem, na medida em que aluno e professor possam se tornar investigadores e a sala de aula for vista como um laboratório, certamente haverá uma qualificação maior dos processos de ensino-aprendizagem e um aprimoramento mais significativo.

BIBLIOGRAFIA

ARENA, Dagoberto Buim. **A literatura infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no mundo da cultura escrita**. Campinas, Mercado de Letras, 2010.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 7. ed. Trad. Octavio M. Cajado. São Paulo: Ática, 2000.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanalise dos contos de fadas**. Bruno Bettelheim. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1980.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASÍLIA, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica (SEB). **Literatura: ensino fundamental** / Aparecida Paiva, Francisca Maciel, Rildo Cosson (Coord.) 2010. 204 p.: il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20).

BRASIL, Ministério da Educação. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras** / Secretaria de Educação Básica, Coordenação-Geral de Materiais Didáticos; elaboração Andréa Berenblum e Jane Paiva. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1997.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez. 1997.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmica e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos. **A literatura Infantil – Visão Histórica e Crítica**. 6 ed. São Paulo: Global. 1989.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar – Um diálogo entre a teoria e a prática**. Petrópolis RJ - Vozes, 2005.

CARVALHO, Maria Angelica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (Org.). **Práticas de Leitura e Escrita**. Brasília: Mec, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Petrópolis, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura Infanto/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo**. Barueri, 2010.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

COSTA, Marta Moraes da. **Metodologia do ensino da literatura infantil** [livro eletrônico]. Curitiba: Ibpx, 2013.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 1999.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. **Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção**. Estudos e pesquisas em psicologia, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIROTO, Cyntia Graziella Guizelin Simões; SOUZA, Renata Jaqueline de. **A Hora do Conto na biblioteca escolar: o diálogo entre a leitura literária e outras linguagens**. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

IRELAND, Vera (coord.) et al. **Repensando a escola: um estudo sobre os desafios de aprender, ler e escrever**. Brasília: Unesco, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEFFA, Vilson José. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra DC Luzzatto, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática: (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor)**. Ed. Cortez. São Paulo, 1994.

LOCKE, John. **Alguns pensamentos acerca da educação**. Cadernos de Educação. Fae/UFPEl, Pelotas: 1999.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Mercado de Letras. Campinas, 1996.

MAGNANI, Maria do Rosário M. **Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MATTOS, Luís Alves de. **Primórdios da educação no Brasil: o período heroico (1549-1570)**. Rio de Janeiro: Aurora, 1958.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1984.

MELENDES, Maria Fernanda; SILVA, Rovilson José. **A formação de leitor no ensino fundamental: Os parâmetros curriculares nacionais e o cotidiano das escolas**. 2008. Disponível em: <http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao3/Artigo5.pdf>. Acesso em: 6 set. 2017.

MIGUEZ, Fátima. **Nas arte-manhas do imaginário infantil: o lugar da literatura na sala de aula**. Rio de Janeiro: Singular, 2000.

MOLINA, Olga. **Ler para aprender: desenvolvimento de habilidades de estudo**. São Paulo: E.P.U., 1992.

NORONHA, Diana Maria. Escola e Literatura: O Real e O Possível. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **O Ensino de Literatura no Segundo Grau**. Campinas, Cadernos da ALB, 2008.

ORRICO, João Paulo Santos. **A importância da literatura Infanto juvenil no fundamental II**. João Paulo Santos Orrico. Brasil escola, 2016. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com.br>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

PAIVA, Aparecida. A produção literária para crianças: onipresença e ausência das temáticas. In: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (Org.). **Literatura infantil: políticas e concepções**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PEREIRA, Luana Gomes. **Condicionalidade em jornais**. In: V CONGRESSO DE LETRAS DA UERJ – SÃO GONÇALO. 2008. São Gonçalo. Disponível em: <www.brasilecola.com.br>. Acesso em: 08 set. 2017.

PIAGET, Jean, 1896-1980. **Seis estudos de psicologia**. Jean Piaget; Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sergio Lima Silva. 25. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

PIAGET, Jean. **Aspectos Cognitivos do Conhecimento**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

ROCCO, Maria Teresa Franco. **Literatura/Ensino: uma problemática**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

ROUSSEAU, Jean Jackson. **Emílio ou da Educação**. Trad. de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SANTOS, Elenir Souza. **Trabalhando com alunos: subsídios e sugestões: o professor como mediador no processo ensino aprendizagem.** Revista do Projeto Pedagógico; Revista Gestão Universitária, n. 40. Disponível em: <http://www.udemo.org.br/RevistaPP_02_05Professor.htm>. Acesso em: 24 jan. 2018.

SENNA, Sylvia Regina Carmo Magalhães. **Contribuições das teorias do Desenvolvimento Humano para a Concepção Contemporânea da Adolescência.** Maria Auxiliadora Dessen, organizadora. Universidade de BrasíliaUnBBrasília-Brasil. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Disponível em: <www.brasil-escola.com.br>. Acesso em: 18 set. 2017.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Elementos de Pedagogia da Leitura.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SILVA, Antônio Adailton; MELO, Marcio Araújo de. **As práticas de um professor de escola pública e particular.** 2012. Disponível em: <www.educacaopublica.rj.gov.br>. Acesso em: 11 nov. 2017.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** 6. ed. Trad. César Coll. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TAILLE, Yves de La, 1951. Piaget, Vygotsky, Wallon: **Teorias psicogenéticas em discussão** / Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. São Paulo: Summus, 1992.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 11. ed. São Paulo: Global, 1985.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

ANEXOS

OLIVEIRA, Marilda Jorge de.

INCLUSÃO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: Percepções de professores da E.M.E.F Antônio Gonzaga Barros, Itaituba/PA / Marilda Jorge de Oliveira . Itaituba: FAI, 2018.

69 f.

Orientadora: Maria Danielle Lobato Paes , Esp.

Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura Plena em Pedagogia – Faculdade de Itaituba, 2018.

1. Literatura. 2. Leitura. I. Maria Danielle Lobato Paes II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR – PA, 2018.